

Olisipo - Boletim do

Grupo AMIGOS DE LISBOA

ANO XXVIII — Janeiro de 1965 — N.º 109



- LARGO DO CONVENTO
- DA ENCARNAÇÃO VI-1 65

JOÃO ALMEIDA
29. VII. 63

Água quente para a cozinha



DA COMPANHIA

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

SALÕES DE VENDA

RUA GARRETT 2 - RUA DA BOAVISTA 39

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.^a livros sobre
todos os assuntos escritos nas
principais línguas europeias

Damos informações biblio-
gráficas e aceitamos enco-
mendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo, 70 - 74 • Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20
Secção de revenda e armazéns Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23 LISBOA-2

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58 • Telef. 32 86 63 • LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

AGENCIA DE TURISMO

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)
FOLHA DE FLANDRES
E AÇÓIS
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

A

LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas

550 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.^o — LISBOA

Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau

ORGANISMO
CORPORATIVO

Criado pelo decreto-lei número 26 106, de 23 de Novembro de 1935,

ao qual compete fomentar a Indústria da Pesca do Bacalhau



Mala-Posta

*os melhores licores nacionais...
tão bons como os melhores estrangeiros!*

um produto **Rynbende**

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. João Augusto Bexiga

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Sílvio Guimarães



viaje pela



seguro na



Os nossos antepassados, quando viajavam, faziam-no com a segurança, rapidez e conforto que os meios de então lhe permitiam . . . As exigências da vida moderna tudo transformaram. Para um eficiente apoio ao apressado viajante dos nossos dias a STAR oferece, através de uma rede mundial de correspondentes, a experiência de todos os seus serviços, e a ATLAS, Companhia de Seguros — a cómoda tranquilidade de um seguro de viagens.

Oferta

27. JUL. 1988

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXVIII

JANEIRO DE 1965

NÚMERO 109

Director, o Presidente da Junta Directiva
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16



SUMÁRIO

	Pág.
TEATRO NACIONAL D. MARIA II	245
RELÓGIOS DE SOL PARA LISBOA pelo <i>General Pereira do Valle</i>	247
CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO — PARTICIPAÇÃO DO GRUPO	268
PALAVRAS DO SR. DR. JOSÉ PINTO AGUIAR NA VISITA AO CENTRO DE REABILITAÇÃO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS	275
O CENTRO DE REABILITAÇÃO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS	278
CATÁLOGO DA COLECCÃO DE MEDALHAS, pertencentes a Arménio da Cunha Mendonça	281
SANTO ANTÓNIO DE LISBOA, NOVAMENTE OFICIAL DO EXÉRCITO PORTUGUÊS (EM ANGOLA) por <i>Santos Furtado</i>	318
FEIRA DA LADRA	322
ACÇÃO CULTURAL durante o ano de 1964	329
ACTIVIDADE CULTURAL do quarto trimestre de 1964	332
FELICITAÇÕES, OFERTAS E REFERÊNCIAS NA IMPRENSA	336
SÓCIOS ADMITIDOS	337
CAPA: Largo do Convento da Encarnação — Desenho de <i>J. A. Videira</i> .	
VINHETAS de <i>J. A. Videira</i> .	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores



THEATRO DE D. MARIA II

Lith C. Legrand

Lith. de M. L. da C.^{ia} R. N. dos Martyres n.º 12 a 14 Lx^a

(da Col. do Doutor Eduardo Neves)

TEATRO NACIONAL

DE

D. MARIA II

FICARÁ na história de Lisboa como um dos acontecimentos, que mais têm emocionado a sua população — talvez, com mais propriedade, a de todo o País —, o incêndio que na madrugada de 2 de Dezembro do ano findo destruiu o nosso primeiro teatro de declamação. Grande perda, tanto pelo valor do imóvel, belo exemplar architectónico de uma época já assaz distante, como pelas tradições literárias e artísticas que tanto o engrandeceram.

Desnecessário recordar em pormenor a vida da afamada cena, agora tão tràgicamente desaparecida. Construído, sob o risco do architecto italiano Fortunato Lodi, de 1842 a 46, e inaugurado em 13 de Abril deste último ano, com o drama histórico *Álvaro Gonçalves, o Magriço* ou *Os Doze de Inglaterra*, de Jacinto Heliodoro Loureiro, o Teatro Nacional de D. Maria II desempenhou papel de grande relevo na vida cultural do País, quer pela divulgação do que de fundamental conta a produção dramática portuguesa — para só desta falar — quer pelo alto nível da respectiva interpretação pelos maiores artistas que tivemos ou ainda nobilitam a arte de representar.

A divulgação do sinistro pela Imprensa foi acompanhada da tranquilizadora informação de que o Governo resolvera se procedesse sem demora à reconstrução do edifício. Não iria, felizmente, repetir-se o verificado em outros casos, que têm atingido a integridade do património artístico de Lisboa, como, por exemplo, o concernente ao majestoso templo de S. Domingos, sito a dois passos do local.

Logo surgiram, como era natural, opiniões díspares sobre o critério a seguir-se em tão importante obra, desde a manutenção integral da traça primitiva do edifício a profundas modificações desta em observância das modernas exigências das casas de espectáculos.

Se a destruição do edifício tivesse sido total, isto é, incluindo as paredes exteriores, o belo peristilo e as obras de arte que ornaram a fachada principal, poderia optar-se por construção completa de estilo diverso, em harmonia com a orientação recomendada por congressos internacionais da especialidade, e hoje geralmente aceite, de subordinar as reedificações ou ampliações ao gosto da época em que elas são feitas, sob condição de não destoarem do ambiente em que fiquem integradas. Não sendo esse o caso, resta considerar o interior, em verdade susceptível de melhoria, quer funcional quer esteticamente considerado.

Em primeiro lugar, merece estudo a possibilidade de ampliação da sala, condicionada, é certo, à relativamente restrita área disponível para o efeito, não devendo ser esquecido o aumento da lotação do espaço destinado ao público mais modesto — pois não deve ser olvidada a função educativa de um teatro nacional; quanto à parte funcional, não carece de justificação a necessidade de dotar esta cena com os possíveis requisitos indispensáveis num palco moderno, propósito também aqui um tanto limitado pelo espaço.

Resta a valorização artística de todo o edifício, como se impõe num teatro do Estado. A transformação levada a efeito no Teatro Nacional de S. Carlos, de 1934 a 1940, pode servir de modelo. Aí, toda a decoração foi feita no estilo da época da construção, mas o que interessa para o caso em referência é o gosto que presidiu a tão belo trabalho, e não só gosto mas riqueza. S. Carlos, considerado desde os seus tempos áureos entre as mais célebres cenas líricas, passou desde então a ser dos primeiros entre os mais belos teatros de ópera do Mundo.

O Teatro Nacional de D. Maria II, edifício valioso e interessante em muitos aspectos, mas bem modesto interiormente em relação a S. Carlos, há-de ressurgir — estamos certos — valorizado em todos os pormenores.

RELÓGIOS DE SOL PARA LISBOA

pelo GENERAL PEREIRA DO VALLE

Ves, Floro, que prestando la Arizmetica
numeros à la docta Geometria
los passos de la luz le quenta al dia?

Don Francisco de Quevedo y Villegas

A propósito do relógio de Sol do Hospital dos Capuchos tivemos já ocasião de escrever algumas palavras em louvor de tais instrumentos para os recomendar à atenção dos Portugueses ⁽¹⁾.

Estes, nem mesmo no tempo em que eram indispensáveis, se interessaram muito por eles, ao contrário do que acontece com outros povos, no entanto muito menos favorecidos do que nós com dias iluminados pelo astro-rei.

Apesar de possuímos a matéria-prima indispensável, sol e mármore, nisto como em muitas coisas mais, somos um país subdesenvolvido, como está em moda dizer-se.

Pois não é assim em outros países. Diz-nos M. de Pesquidoux na *Revue des Deux Mondes*, de 15 de Janeiro de 1929, que um velho adágio da Gasconha nos ensina:

Chacun voit midi à sa porte.

E a figura 1, ilustrando o provérbio nos mostra o gentil-homem acertando a sua cebola ao meio-dia solar pela meridiana doméstica, tentando conciliar duas coisas absolutamente inconciliáveis, a marcha dum relógio mecânico e a marcha dum relógio solar.

(1) *Olisipo* n.º 100, de Outubro de 1962.

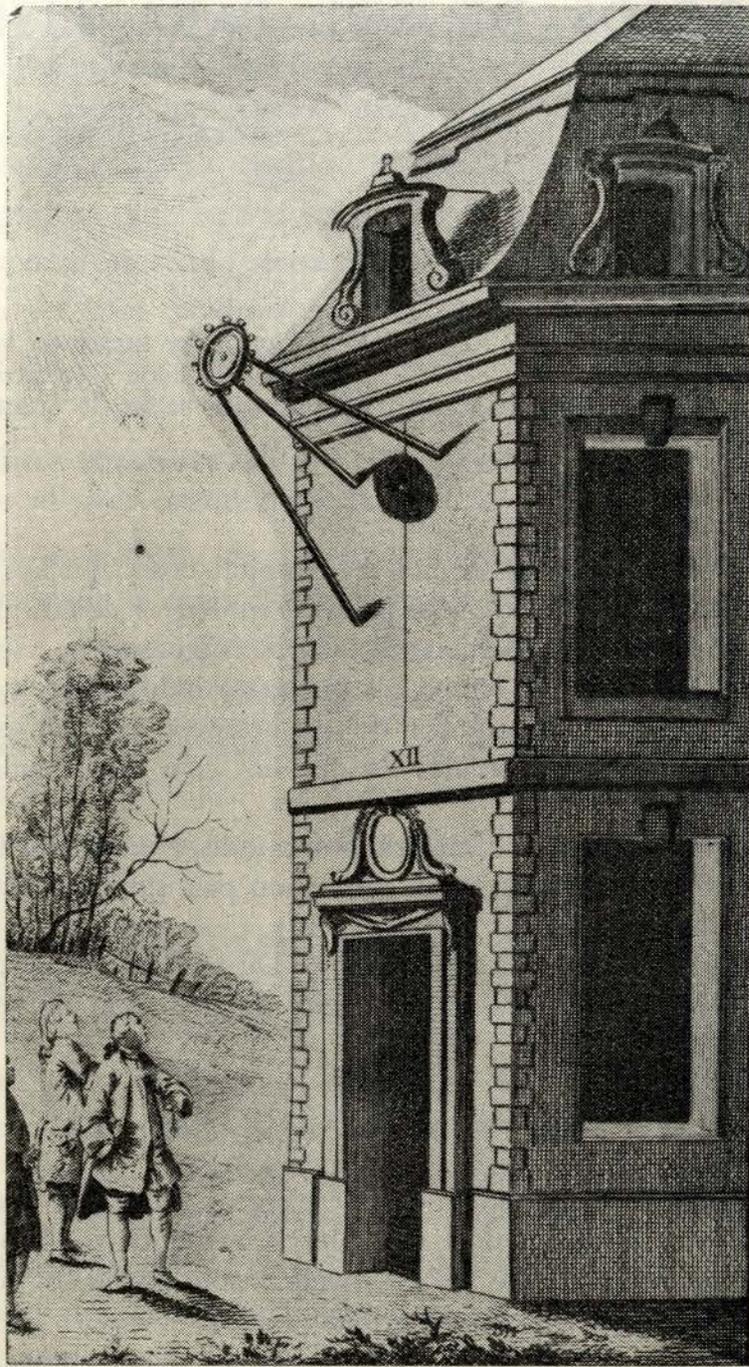


FIG. 1

Nesses tempos recuados vencida a hora solar; o vencido era o tempo médio. A hora era da família, quando muito da povoação: a hora de Bragança não era a mesma hora de Lisboa, a hora dum monte alentejano era diferente da de uma quinta minhota, a do Poço do Bispo já não conhecia a de Algés, pois as separava já o largo espaço de cerca de 32 segundos. O pobre ganhão que nada possuísse de bens terrenos tinha, ao menos, a hora da sua cabana. E até isso os sábios lhe tiraram!

E deram-nos a hora nacional! O País inteiro passou a ter a hora da sua capital; os habitantes de Miranda do Douro tiveram de aceitar como meio-dia o que era para eles cerca de 12 horas e 11 minutos. Mas não ficaram por aqui os sábios: hoje a hora é internacional e temos que aceitar como meio-dia, em Lisboa, o que apenas é 11 horas e 23 minutos.

E isto no tempo do frio, pois quando chegam os primeiros calores aceitamos como meio-dia as 10 horas e 23 minutos.

Diz-se que isto começou para poupar o carvão!

E hoje, para que serve?

O relógio solar do liceu Hoche, em Versalhes, bem nos grita:

Solem quis dicere falsum audeat?

mas ninguém o ouve.

Quem se atreve a dizer que o Sol se engana?

Há no mundo muitas cruzadas, umas para o bem, outras para o mal. Organizemos nós, todos aqueles que encontram um particular encanto em seguir a sombra sobre a pedra do quadrante, mais uma cruzada, mas sem estatutos, jóias ou quotas; a obrigação dos sócios resumir-se-ia a salvar os velhos relógios que ainda existem e a construir outros novos nas suas casas, se para tal tiverem fundos.

Em Portugal, porém, nem a benemérita Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais se lembrou ainda de que nos tempos, em que os relógios mecânicos eram raros e caros, era o desprezado relógio solar que nas igrejas e edifícios públicos marcava as horas de oração e de negócios.

Ora est hora

Todos, qualquer que seja o seu carácter e feitio, encontram no relógio solar a confirmação das suas preferências; o epicurista, de *compreensão sangüinea*, cujos humores do corpo o fazem alegre, prazenteiro, sabedor,

trovador, dançador, franco e liberal, encontrará um alegre companheiro no relógio que lhe diz que só marca as horas alegres, serenas e luminosas:

Horas non numero nisi serenas.

Mas é tão universal o relógio solar que os de *compreensão melancólica*, de humor espesso e grosso, sempre grunhindo, tristes, sempre cuidando da morte, também nele encontram o companheiro que os compreende ao dizer-lhe que todas as horas ferem e a última mata:

Vulnerant omnes, ultima necat

Ao contrário do que se passa e passou sempre em Portugal, onde os relógios de Sol foram sempre pouco numerosos e mesquinhos, nos países de brumas mais frequentes, onde os dias soalheiros são poucos como a Holanda, a Inglaterra e a Escócia, estiveram eles, e estão ainda hoje, em grande favor.

O misticismo dos Holandeses, certamente herdado da doutrina calvinista, ama os relógios solares que lhe lembram as leis e os mistérios da Criação; na Inglaterra será talvez o romantismo das loiras misses que as leva a dotar os seus jardins com os simpáticos instrumentos, a que por vezes associam uma pequena pia para os passaritos beberem.

O Português, porém, que não é místico nem romântico, esse prefere o despertador!

Grandes espíritos, como Sir William Temple, homem de Estado, diplomata e filósofo do século XVII, e John Howard, grande filantropo, tiveram pelos relógios de Sol um tal amor que o primeiro, em testamento, determinou que o seu coração fosse encerrado numa caixa de prata e enterrado debaixo dum quadrante solar; o segundo mostrou desejos que sobre a sua sepultura fosse colocado um destes instrumentos.

Dedicado à memória dos soldados franceses mortos na primeira guerra mundial, foi colocado no adro da Capela dos Mortos, em Dormaus, na Champagne, um grande relógio solar com a seguinte divisa:

*Viventibus lumen solis
Dormientibus lumen Dei.*

Foi costume nos séculos XVII e XVIII colocar quadrantes sobre as sepulturas. Eram assim honrados os mortos queridos.

Durante o século XVIII desenvolveu-se muito o gosto pelos relógios solares que, colocados sobre artísticas colunas, enriqueciam os jardins das casas ricas. Havia-os muito complicados.

Já é tempo de acabar o esquecimento a que os relógios solares têm sido votados e, se não necessitamos deles para nos darem a hora, são necessários como elementos decorativos nos jardins e casas, ao mesmo tempo factores de arte e lição que nos vem do próprio movimento da sombra do ponteiro e das suas divisas de carácter religioso, filosófico, patriótico ou ainda humorístico.

Aqui deixamos esta lembrança à Câmara Municipal e também à Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais.

E porque não aos particulares também?

Cui domus, huic hora.

Quem tem uma casa deve ter a hora, como nos ensina o relógio da igreja de Fontenil-sous-Briançon (Hauts-Alpes), França.

Pois vamos construir, para começar, dois relógios de Sol. Estes não se atrasam nem adiantam. O único de que há conhecimento de que se atrasou foi o de Achaz, rei da Judeia de 740 a 724 A. C., conforme nos diz a Bíblia (Isaías, cap. 38, v. 8), em tradução de António Pereira de Figueiredo:

«Eis — aqui estou em que farei com que a sombra das linhas, pelas quaes elle tinha passado no relógio de Accaz em razão do gyro do Sol, volte dez linhas atrás. E retrocedeu o Sol dez linhas pelos grãos, por onde tinha descido.»

No livro dos Reis, IV, cap. XX, v. 9 a 11, em tradução do mesmo Figueiredo, está ainda inscrito:

- «9 — Isaías lhe respondeu: Este será o signal do Senhor, de que o Senhor ha de cumprir a palavra que disse: Queres que a sombra se adiante dez linhas, ou que ella retroceda outros tantos grãos?
10 — E Ezequias disse: É facil, que a sombra se adiante dez linhas: não quero que isto se faça, senão que volte atrás dez grãos.
11 — Invocou pois o Propheta Isaías o Senhor, e fez que a sombra voltasse pelas linhas, pelas quais já tinha passado no relógio de Accaz, dez grãos atrás.»

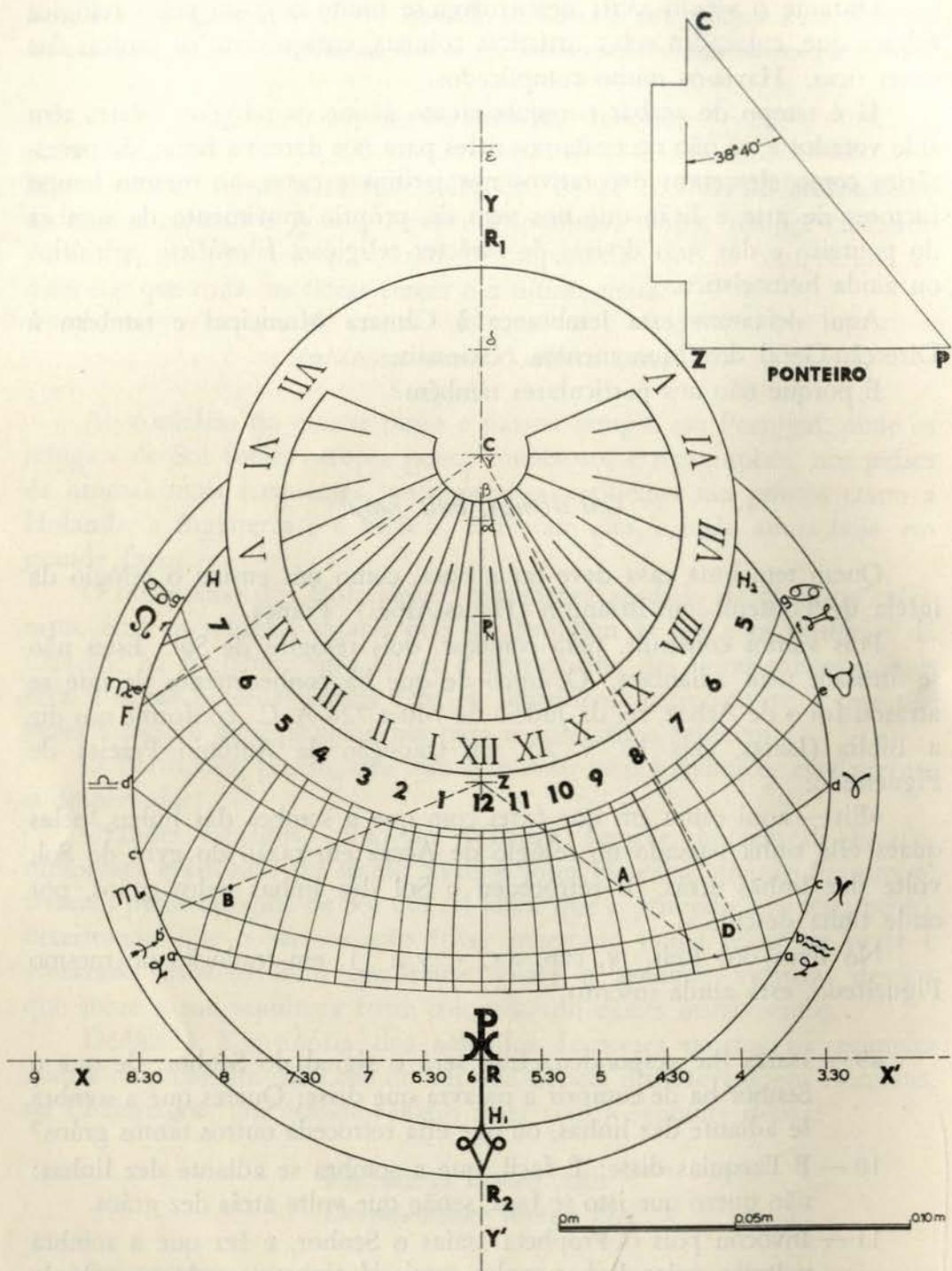


FIG. 2

Estamos vendo um sorriso céptico, irónico! Pois não é caso para isso! A retrogradação da sombra é um fenómeno natural; o que é preciso é saber observá-lo, pois só se dá em determinados períodos, e não somente entre os trópicos mas em qualquer lugar, desde que se disponha convenientemente a observação.

★

Vamos contribuir para a divulgação dos relógios solares com indicação de um relógio portátil barato, que não necessita de instalação ao ar livre e pode ser consultado em casa, sem instalação permanente. É manejável, cómodo, e dá indicações rigorosas quando bem construído e esteja colocado bem horizontalmente. Está representado na figura 2.

É constituído por dois quadrantes, o superior R_1 , traçado segundo a projecção gnomónica da esfera com o ponto de partida das projectantes no seu centro e com o plano de projecção paralelo ao horizonte de Lisboa. Os círculos horários do Sol são projectados segundo rectas que concorrem no ponto C, que é a projecção do polo N; são essas projecções que constituem as linhas horárias CXII, CI, etc.

O ponteiro que irá formar a sombra deve ser paralelo ao eixo do mundo e portanto fazer com o plano do relógio um ângulo igual à latitude de Lisboa, ou seja $38^\circ 40'$. Esse ponteiro é constituído pela hipotenusa CP do triângulo CPZ; o ângulo PCZ é a latitude de Lisboa. O ponteiro é formado por uma chapa de latão de um milímetro de espessura e com as dimensões exactas do triângulo CPZ.

Será colocado verticalmente sobre a linha das XII horas. Está representado na figura 2.

O cateto ZP deverá ficar, pois, colocado sobre o ponto Z. A perfeita colocação é indispensável para o rigor das indicações horárias. As horas deste relógio estão marcadas em caracteres romanos.

Outro quadrante, R_2 , associado a este está representado no círculo de maior diâmetro; as linhas horárias são aqui arcos de circunferência e estão marcados com caracteres árabes; são projecções, evidentemente, dos mesmos círculos horários do Sol do quadrante R_1 .

Os outros arcos de circunferência que cortam as linhas horárias, formando uma rede, e marcados com os símbolos dos signos de zodíaco, são projecções dos círculos de declinação do Sol, quando este entre nos signos.

Para o traçado deste relógio adoptou-se a projecção estereográfica zenital, tendo como ponte de vista o nadir de Lisboa; o plano de projecção é, evidentemente, paralelo ao horizonte de Lisboa, como no quadrante R_1 . O zénite está projectado em Z, onde assenta o cateto ZP do triângulo de que temos falado e que é o ponteiro vertical deste quadrante R_2 .

A circunferência $H H_1 H_2$ é a projecção do horizonte de Lisboa e nela terminam as linhas horárias, pois com o Sol abaixo do horizonte não pode haver horas solares:

Sine Sole Sileo

O Sol no seu movimento anual desloca-se entre o trópico de Câncer gg' (21 de Junho) e o trópico de Capricórnio aa' (21 de Dezembro), passando pelo equador dd' nos equinócios, de Primavera (21 de Março) e de Outono (23 de Setembro). A projecção do Sol, se fosse visível, percorrendo o quadrante, faria esse mesmo trajecto. Leva a projecção do Sol a percorrer o arco aa' o tempo de 9 h 20 m, que é a duração deste dia de Inverno, o mais pequeno de todos. Nos equinócios a duração do dia será de 12 horas, como facilmente se verificará pela extensão do arco dd' ; no dia 21 de Junho, solstício de Verão, o Sol estará acima do horizonte por espaço de cerca de 15 horas.

Evidentemente que não é possível traçar no quadrante as curvas correspondentes a todos os dias do ano, dadas as pequenas dimensões do desenho e portanto, para qualquer dia não marcado, tem de se avaliar por estimativa aproximada a posição da correspondente curva, atendendo a que o espaço de tempo correspondente a duas curvas consecutivas é de cerca de 30 dias.

Assim, se no dia 21 de Março (ou 23 de Setembro) a sombra do ponteiro ZP tiver a direcção ZA, cortará a curva correspondente dd' no ponto A e serão portanto 9 h 20 m. O ponto B corresponde a um determinado dia posterior a 23 de Setembro e a um outro dia anterior a 21 de Março; por estimativa, esse ponto deve corresponder a uns 17 dias depois de 23 de Setembro e aos mesmos 17 dias antes de 21 de Março, isto é, a 10 de Outubro e a 4 de Março. As horas correspondentes ao ponto são as 4 h 20 m pouco mais ou menos.

As posições das sombras dos dois ponteiros serão, para o ponto A, ZA e CD, e para o ponto B, ZB e CF.

Se cada um destes quadrantes fosse construído isoladamente, seria necessário para os instalar, determinar, para cada um, com rigor, a direcção da meridiana, isto é, a linha Norte-Sul e sobre ela se collocavam as linhas horário C.XII e Z 12, ou sejam as linhas do meio-dia. O facto de se juntarem os dois quadrantes no mesmo traçado dispensa essa operação delicada; basta rodar com o relógio num ou noutro sentido até que os dois quadrantes marquem a mesma hora. O relógio está então bem orientado e a hora lida é a hora exacta. Evita-se assim uma instalação permanente. Deve haver o cuidado de voltar o quadrante R_1 para o lado do Sul, a fim de evitar grandes deslocações.

As dimensões mais convenientes para o quadrante R_2 correspondem a um diâmetro de 2 decímetros para o horizonte.

Menores dimensões tornariam as linhas muito próximas umas das outras o que acarretaria um menor rigor na apreciação; seria vantajoso fazê-lo de maiores dimensões para serem mais fáceis as leituras, mas o traçado seria mais difícil por motivo do grande raio que viriam a ter as circunferências.

Resumindo, serão como se segue as operações para a construção do relógio:

- 1.º — Fazer o traçado conforme ao da fig. 2, com as dimensões dadas nas tabelas I e II.
- 2.º — Colar esse traçado sobre uma prancha bem desempenada.
- 3.º — Fazer o ponteiro com as dimensões do triângulo PCZ, em latão de um milímetro de espessura; deve ser bem desempenado e ter na sua parte inferior um prolongamento para poder ser cravado na madeira.
- 4.º — Abrir o entalhe para colocar o ponteiro sobre a linha horária C.XII, com o vértice do ângulo PCZ coincidindo com o ponto C e o cateto oposto a este ângulo assente no ponto Z.
O ponteiro deve ficar bem cravado e em perfeita perpendicularidade sobre o relógio.
E para observar a hora é indispensável que este mantenha rigorosa horizontalidade.

★

O relógio dá a hora solar ou verdadeira. A hora legal dada pelos nossos relógios não coincide com ela em dia nenhum do ano; anda sempre adiantada sobre a hora solar.

Para transformar a hora solar em hora legal em Lisboa, servimo-nos da publicação do Observatório Astronómico de Lisboa, denominada *Dados Astronómicos para os Almanagues*, que numa tabela com o título «Hora Legal ao Meio-dia Verdadeiro» nos dá a correcção a fazer para todos os dias do ano.

Assim, se no dia 11 de Fevereiro de 1964 tivéssemos lido no relógio solar 10 h 15 m, nesse momento o nosso relógio de bolso deveria marcar:

$$10 \text{ h } 15 \text{ m } + 51 \text{ m } 2 \text{ seg.}$$

ou sejam 11 h 06 m, desprezando os 2 segundos que neste caso nada significam.

Se fizermos a leitura em 26 de Outubro à mesma hora, 10 h 15 m, os nossos relógios que marcam a hora legal dar-nos-iam:

$$10 \text{ h } 15 \text{ m } + 20 \text{ m } 44 \text{ seg.}$$

ou sejam:

$$10 \text{ h } 35 \text{ m } 44 \text{ seg.}$$

ou arredondando:

$$10 \text{ h } 36 \text{ m.}$$

Para utilizarmos o relógio, necessitaremos saber quais os dias em que o Sol entra nos diferentes signos, ou por outras palavras, quais os dias em que o Sol descreve os diferentes círculos de declinação projectados no quadrante R_2 .

Os nossos leitores perdoar-nos-ão, sem dúvida, a falta de rigor com que tratamos este assunto; se estas linhas caírem sob os olhos dalgum astrónomo, com certeza saltará, indignado, da sua cadeira, com tamanha ignorância, e não nos perdoará.

A verdade é que a projecção do Sol cruzará a projecção do círculo de declinação num determinado momento e vai-se deslocando continuamente.

Dizer que o Sol descreve em determinado dia um círculo de declinação, não é verdadeiro. Mas para nós, que não somos astrónomos e apenas pretendemos servir-nos dum relógio solar, isso convém-nos e não falseamos a verdade coisa que se veja.

Também não são sempre os mesmos os momentos em que o Sol entra nos signos; variam de ano para ano. A variação, porém, também não falseia as indicações dos quadrantes que não podemos pretender tenham a mesma precisão dos relógios electrónicos.

Os já citados dados astronómicos para os almanaques dão, para cada ano, essas datas.

Como exemplo, diremos que no ano de 1963 o Sol entrou no signo do Carneiro em 21 de Março às 8 h 20 m e no ano de 1964, no dia 20 do mesmo mês, às 14 h 10 m.

Repetiremos, no entanto, que essa diferença, para o caso que nos interessa, não merece atenção.

Eis os dias da entrada do Sol nos diferentes signos, geralmente adoptados:

Carneiro (Aries)	21 de Março	} Primavera
Touro (Taurus)	20 de Abril	
Gêmeos (Gemini)	21 de Maio	
Caranguejo (Cancer)	21 de Junho	} Verão
Leão (Leo)	22 de Julho	
Virgem (Virgo)	23 de Agosto	
Balança (Libra)	23 de Setembro	} Outono
Escorpião (Scorpius)	23 de Outubro	
Sagitário (Sagittarius)	22 de Novembro	
Capricórnio (Capricornius)	22 de Dezembro	} Inverno
Aquário (Aquarius)	20 de Janeiro	
Peixes (Pisces)	19 de Fevereiro	

Estes 12 signos, ou Casas do Sol, como diziam os antigos astrólogos, abrangendo toda a eclíptica, têm uma extensão de 30 graus cada um, que o Sol percorre, no seu movimento aparente, em cerca de 30 dias, aproximadamente um grau por dia.

No ano de 1496, o grande astrónomo Abraão Zacuto publicou um livro célebre, o *Almanack Perpetuum*, que se acabou de imprimir em Leiria no dia em que o Sol estava em $15^{\circ} 53' 35''$ do signo dos Peixes, como ele próprio nos diz:

...etherearum circuitione 1496 sole existēte in 15 g 53 m 35 s. piscium sub celo Leyree.

Em que dia foi?

Em 1496 vigorava o Calendário Juliano, e nesse ano o equinócio da Primavera (entrada do Sol em Carneiro) verificava-se no dia 11 de Março, 10 dias antes da data actual, e portanto a entrada no signo de Pisces, tam-

bém 10 dias anterior à actual, efectuar-se-ia em 9 de Fevereiro, e como o Sol se desloca sobre a eclítica cerca de um grau por dia, os quase 16 graus em que se encontrava o Sol no dia em que se acabou de imprimir o livro, corresponderiam sensivelmente a 26 de Fevereiro do ano de 1496, mais horas menos horas. E para relojoeiros do Sol esta precisão basta e é a que consta das tábuas do Regimento da declinação do Sol, da Biblioteca de Évora.

E com o que fica dito julgamos habilitado o nosso leitor a utilizar o quadrante R_2 .

★

Vamos apresentar em tabelas, os dados numéricos necessários para a construção deste quadrante R_2 .

Em primeiro lugar descreveremos uma circunferência $H H_1 H_2$ de 1 decímetro de raio; representa, como dissemos, o horizonte de Lisboa; pelo seu centro Z , faremos passar uma recta YY' , sobre a qual marcamos, a partir de Z , para o lado superior da figura os pontos P_N e C , respectivamente o Pólo Norte e o Centro do quadrante R_1 , e para o lado inferior da figura o ponto R , tais que:

$$\begin{aligned} ZP_N &= 4,80 \text{ cm} \\ ZC &= 9,45 \text{ cm} \\ ZR &= 8 \text{ cm} \end{aligned}$$

Pelo ponto R tira-se uma perpendicular XX' à recta YY' .

Resta-nos descrever as circunferências das curvas de declinação e das linhas horárias, e para tal conhecer a posição dos seus centros e o valor dos seus raios.

1.º Curvas de declinação.

Os seus centros estão situados na parte superior da recta YY' , a distâncias do ponto Z dadas pela tabela I que nos dá também o valor dos seus raios.

Os centros estão marcados com as letras $\alpha, \beta, \gamma, \delta, \epsilon$ não tendo sido marcados os correspondentes aos signos dos Peixes e de Capricórnio para não alongar o desenho.

2.º Curvas das linhas horárias.

Os seus centros estão situados sobre a linha XX' , para um e outro lado do ponto R , conforme são horas da manhã ou da tarde. Alguns marcamos no desenho, onde não estão representados os correspondentes a horas além das 9 da manhã e das 3 da tarde, para não alongar demasiadamente o desenho.

Esses valores constam da tabela II, onde não figuram o valor dos raios, por desnecessário.

Estas circunferências passam todas pelo pólo P_N e por consequência os seus raios são as distâncias dos seus centros, sobre a linha XX' ao citado pólo P_N .

Este traçado exige um cuidado grande na sua execução, pois erros nas dimensões das linhas arrastariam falsas indicações horárias; por esse motivo todo o cuidado é pouco.

TABELA I

Elementos a marcar	Distância ao ponto Z	Raio	Distância do centro ao ponto Z_1
Pólo Norte (P_N)	4,80		
Equador (Carneiro) ...		16,00	12,50
Touro		11,90	9,45
Gêmeos		9,67	8,05
Caranguejo		8,95	7,62
Escorpião		23,03	18,35
Sagitário		33,58	27,94
Capricórnio		36,14	30,11

Estes valores são em centímetros

TABELA II

Horas		Distâncias dos centros ao ponto R em cms.
Manhã	Tarde	
6	18	0
6 30	17 30	1,69
7	17	3,43
7 30	16 30	5,31
8	16	7,40
8 30	15 30	9,84
9	15	12,82
9 30	14 30	16,71
10	14	22,19
10 30	13 30	30,96
11	13	47,86
11 30	12 30	75,96
12	12	∞

★

Damos a seguir uma tabela III com os valores dos ângulos formados pelas linhas horárias com a linha das 12 horas, de quarto em quarto de hora, nos quadrantes horizontais, como o R_1 da nossa fig. 2, para a latitude de $38^\circ 40'$, e que os nossos leitores poderão aproveitar para construir com todo o rigor um relógio solar horizontal para aquela latitude.

TABELA III

Ângulos x das linhas horárias com a meridiana nos
Relógios horizontais para a latitude de 38° 40'

Horas		Ângulos horários do Sol	Ângulos x das linhas horárias
Manhã	Tarde		
12	12	0° 0'	0° 0'
11 45	12 15	3 45	2 21
11 30	12 30	7 30	4 42
11 15	12 45	11 15	7 5
11	13	15	9 30
10 45	13 15	18 45	11 59
10 30	13 30	22 30	14 31
10 15	13 45	26 15	17 7
10	14	30	19 50
9 45	14 15	33 45	22 39
9 30	14 30	37 30	25 37
9 15	14 45	41 15	28 43
9	15	45	32 00
8 45	15 15	48 45	35 29
8 30	15 30	52 30	39 9
8 15	15 45	56 15	43 4
8	16	60	47 15
7 45	16 15	63 45	51 43
7 30	16 30	67 30	56 28
7 15	16 45	71 15	61 29
7	17	75	66 47
6 45	17 15	78 45	72 20
6 30	17 30	82 30	78 6
6 15	17 45	86 15	84 0
6	18	90	90 0
5 45	18 15	93 45	96 0
5 30	18 30	97 30	101 54
5 15	18 45	101 15	107 40
5	19	105 0	113 13

Este traçado pode ser utilizado sem erro sensível na faixa de território compreendida entre os paralelos de Alcácer do Sal e Santarém.

Deve atender-se, porém, a que a transformação da hora solar em hora legal longe de Lisboa, já não é a mesma que se adopta nesta cidade.

E assim teremos que subtrair à tabela para Lisboa, dada nos «Dados Astronómicos para os Almanques», o número seguinte de minutos para nas povoações indicadas obtermos o tempo a juntar à hora solar para ter a hora legal:

Elvas e proximidades	— 8 minutos
Montemor-o-Novo e proximidades	— 4 minutos
Estremoz e proximidades	— 6 minutos
Vendas Novas e proximidades	— 2 minutos

Assim, em Lisboa, no dia 25 de Abril há que juntar ao tempo solar, 34 m e 48 s para se obter o tempo legal; nesse mesmo dia em Elvas, há a juntar apenas:

$$34 \text{ m } 48 \text{ s} - 8 \text{ m} = 26 \text{ m } 48 \text{ s}$$

ou seja praticamente 27 m.

Se algum dos nossos leitores pretender construir um relógio horizontal para qualquer outra latitude, deverá calcular os ângulos horários pela fórmula:

$$\text{tang } x = \text{sen. } l. \text{ tang. } A$$

em que l é a latitude e A o ângulo horário do Sol. O valor deste último consta, para cada hora, da tabela que damos.

Mas para isto é necessário que o leitor se não tenha esquecido dos logaritmos!

★

QUADRANTE ANALEMÁTICO

Temos até aqui falado de um relógio doméstico; falaremos agora dum outro, de exterior, para um jardim ou esplanada e cujo ponteiro será o próprio observador que queira ver as horas.

É este curioso quadrante conhecido em gnomónica por quadrante analemático.

A figura 3 dá-nos, em grosseira perspectiva, o conjunto do relógio com o seu ponteiro humano e dispensa-nos ela de mais explicações pela sua evidência.

É dos mais interessantes que possam ser construídos em lugares públicos e certamente desperta a curiosidade de quem o observa.

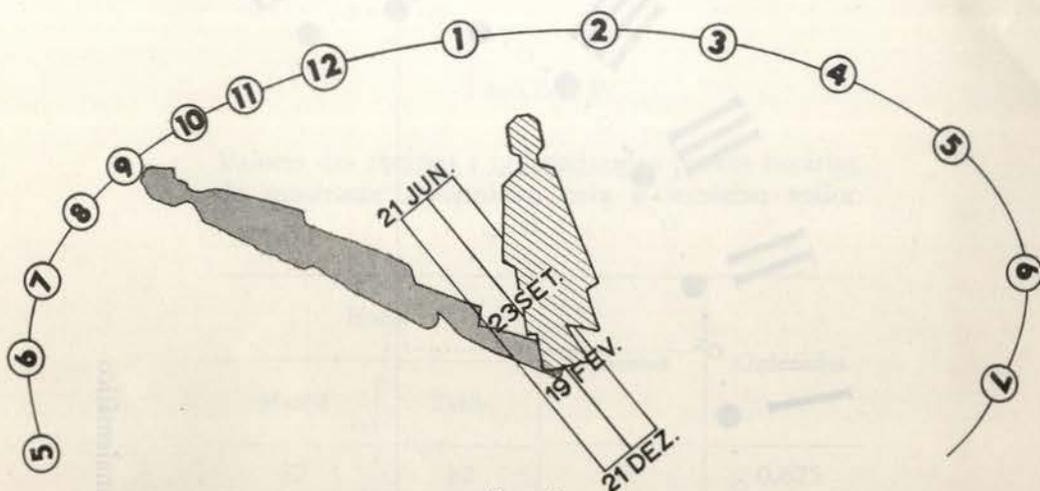


FIG. 3

A figura 4 mostra-nos o traçado dum quadrante analemático para a latitude de Lisboa.

Vamos fornecer ao leitor curioso todos os dados necessários para o habilitar a construí-lo sem qualquer dificuldade.

Nesse traçado há a considerar:

I — Os pontos horários que não são outra coisa mais do que a projecção da intercepção dos círculos horários do Sol com o equador.

II — A eclíptica, com as posições do Sol em diferentes épocas do ano, de que já anteriormente tratamos.

1.º — Os pontos horários, ligados por uma curva, definem uma elipse que é a projecção ortográfica do equador sobre o horizonte de Lisboa. A projecção ortográfica da esfera era antigamente conhecido por *analema* e daqui o nome do quadrante. Os dois eixos dessa elipse, XX' e YY' constituem um sistema de eixos coordenados com origem em O que pelas suas abcissas e ordenadas determinam os pontos horários. Essas coordenadas constam da tabela 4, para um valor do semi-eixo maior OA da elipse igual a 1.

Assim o ponto horário das 12 horas terá a abcissa igual a zero e a ordenada Oy será igual a 0,625 (valor do seno da latitude, que é o semi-

eixo menor da elipse); para o ponto horário da 1 h 30 m, a abcissa Ox_1 será igual a 0,383 e a ordenada x_1, y_1 , igual a 0,577.

Os pontos horários da manhã serão simétricos dos da tarde, em relação ao eixo menor da elipse YY' .

Damos a seguir a tabela iv.

TABELA IV

Valores das abcissas e ordenadas dos pontos horários do quadrante analemático para o semieixo maior igual a 1

Horas		Abcissas	Ordenadas
Manhã	Tarde		
12	12	0	0,625
11 45	12 15	0,065	0,623
11 30	12 30	0,130	0,619
11 15	12 45	0,195	0,613
11	13	0,259	0,604
10 45	13 15	0,321	0,592
10 30	13 30	0,383	0,577
10 15	13 45	0,442	0,560
10	14	0,500	0,541
9 45	14 15	0,556	0,520
9 30	14 30	0,609	0,496
9 15	14 45	0,659	0,470
9	15	0,707	0,442
8 45	15 15	0,752	0,412
8 30	15 30	0,793	0,380
8 15	15 45	0,831	0,347
8	16	0,866	0,312
7 45	16 15	0,897	0,276
7 30	16 30	0,924	0,239
7 15	16 45	0,947	0,201
7	17	0,966	0,162
6 45	17 15	0,981	0,122
6 30	17 30	0,991	0,082
6 15	17 45	0,998	0,041
6	18	1,000	0,000

Para um quadrante desta natureza para o exterior, o semieixo maior da elipse apenas de 1 metro é muito pequeno; se o seu comprimento for de 2, 3 etc. metros, os valores da tabela 4 terão de ser multiplicados por 2, 3, etc.

2.º Nesta espécie de quadrante o ponteiro humano não toma posição num ponto fixo; pelo contrário, a sua posição variará conforme a posição do Sol na eclíptica no decorrer dum ano.

É, pois, necessário traçar um zodíaco sobre o eixo menor da elipse, com o seu centro no centro da elipse e onde estejam marcadas as diferentes datas do ano.

TABELA V

Datas	Distâncias	Datas
Junho		Junho
21	0,339	21
Julho		
1	0,334	13
10	0,320	3
20	0,295	24 Maio
Agosto		
1	0,256	13
10	0,220	4
20	0,175	24 Abril
Setembro		
1	0,116	12
10	0,070	3
23	0	21 Março
Outubro		
1	0,041	13
10	0,091	4
20	0,140	23 Fever.
Novembro		
1	0,199	11
10	0,239	2
20	0,280	23 Jan.
Dezembro		
1	0,310	12
10	0,330	3
22	0,339	22 Dez.

O ponto O, centro da elipse e do Zodíaco, corresponde aos equinócios e as extremidades aos solstícios, o de Verão do lado do meio-dia e o de Inverno do lado da meia-noite, que não foi marcada por desnecessária.

Quem desejar consultar o quadrante nada mais tem a fazer do que colocar-se sobre o Zodíaco, na data correspondente. A sua sombra será dirigida para a hora do momento; a figura 3 mostra-nos que são 9 horas da manhã, no dia 19 de Fevereiro.

Os valores a marcar a partir do centro (23 de Setembro, 21 de Março) para um e outro lado para obter as diferentes datas constam da tabela v, ainda para um valor do semieixo maior da elipse igual a 1. Se for maior, 2, 3, n vezes, teremos que multiplicar esses valores por 2, 3 ou n.

Com os dados que fornecemos e com as figuras 3 e 4, os nossos leitores não terão certamente dificuldades na construção do quadrante analemático no seu quintal; a parte artística, essa fica a depender da habilitade do interessado. Emprego da calçada de pequenas pedras brancas e pretas? Tufos de verdura? Laje de pedra para o Zodíaco?

Esperemos, que talvez a Câmara Municipal queira fornecer exemplo aos seus munícipes, para o que possui architectos ilustres e com gosto artístico. E bem haja. E se o fizer que não sejam esquecidas as instrutivas divisas horárias.

Quem se der ao trabalho de implantar o quadrante no solo que se não esqueça de que o eixo menor da elipse tem de coincidir com a meridiana — e rigorosamente — com o ponto horário das 12 horas dirigido para o Norte. Se esta condição não for respeitada, o relógio não regulará bem.



E agora, para terminar, o autor pede aos leitores que se lembrem que ele não pensou escrever um tratado de Gnomónica, mas apenas fornecer um prato cozinhado, — supõe que ainda não tivesse sido servido em Portugal — o que explica alguma afirmação menos ortodoxa, que espera lhe seja perdoada.

CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO

PARTICIPAÇÃO DO GRUPO

MUITO embora em mim não concorram as qualidades necessárias para falar de Turismo — a despeito de ter sido em recuados tempos director-secretário da velha «Propaganda de Portugal», que disso curava, como «Touring Club» que o era no tempo do extinto Conselho Nacional de Turismo — a qualidade de director secretário-geral dos «Amigos de Lisboa», que ora exerço, impõe-me quase obrigação de vir aqui, ainda que os «Amigos» não tenham essa actividade, senão no limitado campo do turismo sui-generis, organizando visitas culturais através, e extra, da nossa cidade, tendo no seu curriculum de actividade a primazia das visitas guiadas, depois por vários exercidas, e os circuitos da cidade em transportes colectivos.

O primeiro destes circuitos — e foram seis os realizados — teve lugar em Fevereiro de 1950 e com ele se visou mostrar a Lisboa moderna aos participantes que assim, em anos sucessivos até 1962, foram tendo conhecimento da evolução da cidade. Foram da iniciativa e sempre da direcção do director do Grupo Senhor Hugo Raposo, que em 1950 publicou uma monografia ilustrada sobre o assunto.

Evidentemente preocupa-se o Grupo com o assunto dos vossos trabalhos como aliás se interessa por tudo o que à cidade se refere, não fosse o seu lema «A BEM DE LISBOA».

Tem opiniões e anseios, por exemplo a questão dos *cicerones*, que desejava idóneos e eficientes, para o que não é necessário que sejam,

nem o podem ser, eruditos; os *itinerários* que é mister serem organizados no sentido de serem úteis, sob o ponto de vista urbanístico, arqueológico e histórico. A história, a evolução e o descritivo da cidade andam feitos; até o nosso OLISIPO pode servir de guia orientador e assim o Grupo pode prestar e aliás presta informações e elucidações a quem se quiser documentar sobre as visitas guiadas na cidade.

Dada a amabilidade de os dirigentes do Congresso terem insistido amavelmente e inscrito o Grupo no Congresso, o Grupo saúda V. Ex.^{as}, e, na impossibilidade pessoal de eu assistir ao Congresso, a representação do Grupo far-se-á pelo director tesoureiro Senhor Hugo Raposo que vos apresentará uma comunicação sobre «Miradouros da Cidade».

Este amor, interesse e dedicação à cidade em quem não é interveniente senão por uma romântica paixão por Lisboa, devem-se a ambos servirmos desde a sua fundação — já lá vão 30 anos — o Grupo e por um e outro termos a honra de servir a cidade, eu como vereador efectivo de 1955 a 1959 e o Senhor Hugo Raposo como vereador substituto actual.

Ele vai representar bem esta organização que, não tendo actividade turística lucrativa, tanto do Turismo espera sempre A BEM DE LISBOA.

EDUARDO NEVES

OS MIRADOUROS DE LISBOA

por HUGO RAPOSO

ENQUADRADA nas breves dimensões de uma comunicação muito nos apraz aproveitar o ensejo do convite endereçado aos «Amigos de Lisboa» para voltarmos a falar dos Miradouros da cidade, assunto aparentemente ligeiro e até agora escassamente explorado, mas que, conforme já temos exposto em outras ocasiões, merece que dele se extraia todo o proveito turístico que é possível, e que se tome consciência do valor que pode representar na propaganda de Lisboa.

Os «Amigos de Lisboa», instituição cultural fundada em 1936, não tem por função ocupar-se do Turismo, mas é ocasião de dizer-se que este grupo foi o introdutor das visitas guiadas, com o propósito de dar à grande massa dos seus associados a mais ampla noção dos valores históricos, artísticos e monumentais que a cidade de Lisboa contém. Não está pois, fora de função que o seu representante neste Congresso venha fazer uma ligeira discretação sobre os Miradouros Lisboetas e anotar sugestões tendentes à sua valorização.

As visitas panorâmicas, tanto de terra como de mar, e mesmo as de fundo urbano, são em toda a parte copiosamente proclamadas, em paralelo com todos os outros demais atractivos. Correm mundo montanhas de bilhetes postais e outras formas publicitárias do Turismo objectivando as perspectivas panorâmicas que cada terra pode oferecer à contemplação dos seus visitantes. Se é verdade que o viajante, quando é culto, se interessa pelo Museu, pela Catedral, pelos Monumentos e pela história da terra que visita, é também verdade que os assuntos que formam o agrado da visita, como são os panoramas, interessam à generalidade dos viajantes, tanto aos mais esclarecidos, como também àqueles que não possuem esclarecimento algum.

É, porém, o conjunto deles que forma afinal a massa dos turistas. Oferecer, portanto, um motivo que de antemão se sabe que é de agrado e de apreço, que tem desde logo ao seu alcance a universalidade da boa aceitação, o acto de divulgar os Miradouros — e aqui os belos Miradouros da cidade de Lisboa — está destinado a um êxito previsível, se a divulgação se estabelecer pelos meios mais adequados à sua penetração na maior soma possível de visitantes.

As mais importantes capitais europeias, pela razão de que estão implantadas em superfícies planas, não podem competir nesta particularidade com a capital portuguesa que, pelo seu recorte orográfico e pelo aproveitamento que dele os homens fizeram, dispõe de uma rede urbana de belvederes verdadeiramente espantosa e variada.

São as belas vistas sobre a própria cidade, como a do Castelo de S. Jorge, da Penha de França, (ou Monte Alperche a 110 m de altitude),

do Torel, do Monte Agudo, da Senhora do Monte, do alto do Parque Eduardo VII, do Jardim de S. Pedro de Alcântara, do Adro da Igreja da Graça, do Terraço da Fonte Luminosa, do Viaduto Duarte Pacheco.

São outros, em que o seu interesse predominante é a visão do Tejo sob os mais variados ângulos, como o Alto de Santa Catarina, Santa Luzia em Alfama e ao seu lado as Portas do Sol, a Rocha do Conde de Óbidos, no Jardim das Albertas, o Jardim do Campo de Santa Clara, o tabuleiro superior do Elevador de Santa Justa, o largo do Paço da Ajuda, o terreiro da Capela de S. Jerónimo, no Restelo, o próprio Aeroporto, à beira do qual existe uma saliência sobranceira de que se podia fazer excelente aproveitamento para recrear os passageiros com curta demora.

A criação do Parque Florestal de Monsanto em 1938, empreendimento do Ministro Duarte Pacheco, dos mais notáveis da sua gerência, ocasionou o aparecimento de uma nova série de Miradouros que, adaptados como foram a tais circunstâncias com a esclarecida visão desse Ministro, se tornaram rapidamente centros de grande convergência de visitantes, como o Moinho dos Alferes (hoje chamado do Penedo) a Luneta dos Quartéis e Moinhos do Mocho, as plataformas de Montes Claros (que foi forte do Campo Entrincheirado), cuja vista abrange quase os 360 graus de circunferência e o local onde está agora em construção um restaurante de iniciativa municipal (à ilharga da Televisão), que será dentro de breve tempo o local de onde se pode colher a visão mais completa da cidade e seu arrabalde e mesmo da Outra Banda.

Se vier um dia a construir-se do alto do Parque Eduardo VII essa grande peça monumental e histórica que será o Arco Triunfal, a capital do Tejo possuirá a partir de então talvez o mais espectacular de todos os Miradouros do Mundo, com as mais variadas vistas sobre os 360 graus, numa apoteose panorâmica a dar a visão quase completa dos bairros e avenidas da cidade, do Tejo, do Aeroporto, do Oceano, do Parque Florestal, do Arrabalde, dos Castelos de Sintra e da Outra Banda, a das serranias que ao longe circundam a cidade, para aquém e para além do Tejo.

Se quisesse fazer-se o inventário minucioso dos Miradouros de Lisboa — que não é o propósito da presente comunicação — poderiam mencionar-se muitíssimos outros locais que não pertencem todavia ao domínio público, como o zimbório da Igreja da Estrela, o terraço da Mãe d'Água nas Amoreiras, o terraço do Hotel Ritz, o Paço Episcopal de S. Vicente, a plataforma de Santa Engrácia e os altos de muitos dos prédios ultimamente construídos.

Anote-se de passagem que as janelas de uns milhares de habitantes desta cidade gozam o privilégio de serem autênticos miradouros.

Não pode dizer-se, no entanto, que o assunto esteja esquecido ou ignorado das entidades competentes. A Câmara Municipal de Lisboa editou um folheto ilustrado, de agradável feição, para distribuição gratuita, intitulado *Lisboa e os seus Miradouros* e uma monografia enquadrada na colecção «Arte e Turismo» da autoria do Dr. Pina Vidal com textos em português, francês e inglês, de esclarecedora leitura.

Numa época em que o turismo se tornou indústria operosa em toda a parte, que as suas receitas influem nas contas dos estados, não deverá a cidade de Lisboa desprezar um relevante factor turístico de que dispõe e no qual não tem a temer a concorrência de qualquer outra terra europeia. Vir a Portugal, visitar os Miradouros de Lisboa justifica plenamente fazer uma viagem.

Façamos-lhe mais publicidade, advertamos os nossos visitantes de que têm em Lisboa à sua disposição vinte, trinta lugares proeminentes à escolha para fotografar aspectos panorâmicos dos mais belos do Mundo. Convide-se o viajante a sentar-se num banco de jardim e contemplar em paz e em repouso as belas paisagens dos múltiplos Miradouros de Lisboa. Venham músicos, poetas e pintores inspirar-se para as suas obras nos deleites que Lisboa lhes oferece do alto dos seus belvederes.

Encaminhe-se o turista desatento para essa inesgotável fonte de aprazimento, por meio de uma sinalização abundante e visível, incitando-o à curiosidade de seguir a linha das setas orientadoras até cada um desses locais de deslumbramento, pois é na oferta de temas de atracção,

que outros não podem oferecer, que se colherá compensação para a falha de outros elementos em que se seja mais fraco.

Muito e muito mais haveria que dizer e mesmo que historiar sobre tão atraente matéria, o que deixamos ao superior discernimento dos dignos participantes deste Congresso, a quem saudamos com a mais efusiva cordialidade, terminando por submeter ao favor da sua competente consideração as conclusões emergentes deste breve trabalho.

RESUMO

1.º — Fazer o levantamento ou inventário de todos os Miradouros da cidade e atribuir a cada um deles um número de ordem, referenciado no respectivo Roteiro.

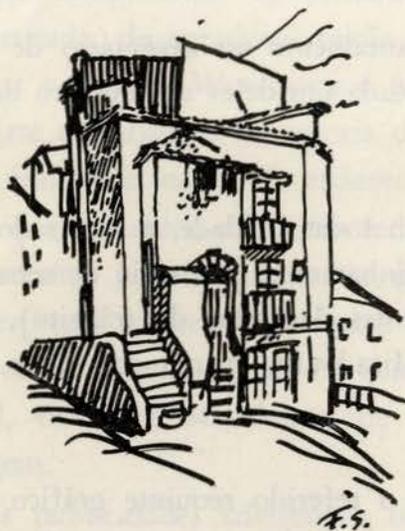
2.º — Promover em toda a cidade, a partir dos locais convenientes, a sinalização de encaminhamento, por meio de setas bem visíveis (de cor e feição gráfica diferentes das setas do trânsito), tendo em cada seta, além do nome do Miradouro, o número deste, relacionado com o Roteiro.

3.º — Editar, com o referido requinte gráfico, o *Roteiro Geral dos Miradouros da Cidade de Lisboa*, em português, francês e inglês, com as seguintes subdivisões:

- a) Miradouros visitáveis por meio de transportes colectivos, identificando-os.
- b) Miradouros visitáveis em automóvel particular.
- c) Miradouros onde haja condições para parquear autocarros de excursão.

4.º — Estabelecer e ordenar itinerários para excursões organizadas por meio de autocarros de grande e média lotação.

5.º — Pugar pelo embelezamento de cada um dos locais classificados como Miradouros e dotá-los com um marco de identificação, como ponto culminante do encaminhamento a seguir pelas setas. Se cada um dos marcos for uma obra de arte, com as armas da cidade, criar-se-á um tema fotográfico para as objectivas dos visitantes, cuja contextura estética não tardará em correr mundo.



PALAVRAS

do Sr. Dr. José Pinto de Aguiar na visita ao Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos

Minhas Senhoras,

Senhores:

Já não é a primeira vez que tenho a honra de receber os «Amigos de Lisboa» em instituições dependentes do Instituto, cuja direcção me está confiada.

Estou a recordar-me da visita feita, em Fevereiro de 1957, ao antigo Convento da Encarnação, tão grata ela foi ao meu espírito, não apenas pelas funções que exerço, mas, ainda, porque, desde há anos, tenho a honra de ser também «Amigo de Lisboa».

Antes, porém, de se iniciar a visita ao Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos, não quero deixar de oferecer a V. Ex.^{as} alguns breves e ligeiros apontamentos, mais de natureza histórica, deixando à Superintendente, Senhora D. Maria Teresa Túlio, o encargo de lhes facultar os esclarecimentos técnicos indispensáveis à boa compreensão da vida e funcionamento deste Centro de Reabilitação, que, já hoje, ocupa na Europa um dos primeiros lugares entre as instituições congéneres.

Minhas Senhoras,

Senhores:

Em 1742, D. Lázaro Leitão Aranha, que foi Lente da Faculdade de Leis, na Universidade de Coimbra, Principal da Sé de Lisboa, Secretário

da Embaixada de El-Rei D. João V e senhor abastado, adquiriu à Coroa, por onze mil cruzados, este edifício, onde outrora estiveram instalados os frades barbadinhos italianos e aqui instituiu o Recolhimento de Nossa Senhora dos Anjos, para damas de bom nascimento, caídas em pobreza.

As primeiras recolhidas entraram para esta casa em 13 de Julho de 1747, revestindo-se o acto da maior solenidade, com a presença da Rainha Senhora D. Mariana da Áustria, então Regente do Reino, que a tomou debaixo da sua real protecção, conservando o Recolhimento, durante mais de dois séculos, a sua feição própria.

Após a publicação do Decreto-Lei n.º 35 108, de 7 de Novembro de 1945, que reorganizou os serviços da Assistência, foi este estabelecimento, já com a designação de Recolhimento de D. Lázaro Leitão, integrado no Instituto de Assistência aos Inválidos, competindo-nos, por força da Lei, a direcção do mesmo.

A Igreja do Recolhimento, que fora outrora das Comendadeiras — pois aqui assentou a sua primitiva Casa — e, depois, dos frades barbadinhos, como se disse, compunha-se de cinco capelas, ornadas com retábulos, especialmente encomendados em Roma, por D. Lázaro Leitão.

Após a proclamação da República, em 1914 foram daqui desviados todos esses retábulos, paramentos e alfaias, alguns dos quais sofreram as vicissitudes dum leilão impiedoso, que, aqui mesmo, teve lugar.

O templo ficou completamente descarnado, apenas se conservando o túmulo do fundador — que ele próprio mandara construir, em vida — assente sobre dois leitões de pedra, ostentando, como V. Ex.^{as} poderão ver, uma exuberante inscrição latina e, sobre ele, um busto de mármore e o seu brasão de armas.

D. Lázaro Leitão Aranha, Senhor da Casa Nobre da Junqueira, falecera a 2 de Agosto de 1767 no seu outro palácio da Cruz de Pau, ao Calhariz, precisamente em dia de Nossa Senhora dos Anjos, padroeira de Recolhimento que tão generosamente instituíra, baixando, àquele túmulo, dois dias depois.

Em 2 de Fevereiro de 1955, depois de superiormente se ter determinado que as senhoras recolhidas fossem transferidas para os outros Recolhimentos, foi aqui inaugurado o Lar de Nossa Senhora dos Anjos, centro de trabalho para raparigas cegas, retomando, assim, a sua designação tradicional.

No acto da inauguração, proferimos, entre outras, as seguintes palavras:

«O Lar de Nossa Senhora dos Anjos não é um asilo vulgar; pelo contrário, desejamos transformá-lo num Centro de trabalho onde as raparigas sejam preparadas e educadas para a vida. Todos os trabalhos domésticos lhes estão confiados. Além do internato, será frequentado, também, em regime de externato por aquelas raparigas que, tendo família em Lisboa, desejem habilitar-se com uma profissão e, ainda, por aquelas outras que, residindo fora, aqui pretendam vir preparar-se, etc.»

Durante cerca de sete anos o «Lar» desempenhou as funções para que fora criado, se bem que precariamente, dada a exiguidade das dotações que lhe eram atribuídas e a falta de pessoal técnico especializado.

Graças ao interesse do Governo e graças ainda ao espírito de dedicação e à superior competência da Senhora D. Maria Teresa Túlio — hoje Superintendente deste modelar estabelecimento — e à magnífica equipa de trabalho de que se soube rodear, foi possível, interpretando os anseios de todos nós, esquematizar e erguer o Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos — inaugurado em 28 de Maio de 1962 —, de que ela vos vai falar, em seguida, com o seu peculiar entusiasmo.

Minhas Senhoras,

Senhores:

Sinto que não lhes devo roubar mais tempo, mas não quero terminar sem expressar a V. Ex.^{as} o nosso melhor reconhecimento.

A todos — muito e muito obrigado.

O Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos

por D. MARIA TERESA TÚLIO DE FREITAS SOARES

O Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos que entrou em funcionamento há cerca de 2 anos e meio foi criado de acordo com padrões sugeridos por um perito em reabilitação de cegos que o B. I. T. enviou a Lisboa a convite do Governo Português.

Este perito permaneceu entre nós 18 meses durante os quais efectuou cursos com o fim de especializar neste campo particular pessoal técnico das diversas profissões.

O Centro destina-se, pois, à reabilitação de deficientes visuais adultos de ambos os sexos os quais são seleccionados por meio de exames médicos (de clínica geral e oftalmológicos) psicológicos e sociais.

Antes de entrar pròpriamente numa explicação acerca do trabalho que aqui é efectuado, parece-me essencial definir o conceito de reabilitação para que melhor se possa compreender o objectivo que temos em vista.

Assim, «reabilitação» poderá definir-se como o restauro do indivíduo deficiente até ao máximo das suas possibilidades nos aspectos físico, psíquico, social, profissional e económico.

Quer dizer, a reabilitação é um processo individualizado que deve dirigir-se às necessidades particulares do indivíduo considerado, pois além da parte física, há a considerar, também, os problemas psicológicos, económicos, sociais e profissionais.

Este conceito de reabilitação faz-nos antever que o processo de reabilitação deverá ser atributo de uma equipa de técnicos, devidamente especializados, que se ocuparão dos múltiplos aspectos já mencionados.

Para atingir estes múltiplos aspectos o programa de reabilitação inclui os seguintes sectores:

Psico-Social, com

uma Psicóloga e uma Assistente Social.

Comunicações por escrito, com

uma Instrutora de Dactilografia e Escrita a Negro e

uma Instrutora de Braille.

Actividade da Vida Diária, com

duas Enfermeiras de Reabilitação — Instrutoras de Actividades da Vida Diária.

Orientação e Locomoção, com

um Instrutor de Locomoção

um Instrutor de Educação Física e

um Instrutor de Esgrima.

De trabalho, com

um Terapeuta Ocupacional e

um Instrutor de Oficinas.

Os técnicos responsáveis por estes sectores constituem a chamada equipa de reabilitação à qual eu presido.

Como coadjuvantes da equipa de reabilitação prestam ainda serviços no Centro:

Um médico de Clínica Geral;

uma Psiquiatra (consultor);

Um Capelão;

Um Encarregado dos Serviços Recreativos;

Um Colocador.

O estágio é feito em regime de internato e os candidatos após a selecção prévia inicial são admitidos de acordo com as vagas existentes mas, geralmente, dois de 15 em 15 dias.

A duração média do estágio é de três meses.

Os estagiários são sujeitos a um programa intensivo, em aulas diárias que se destinam a ensinar-lhes a bastarem-se a si próprios, a deslocarem-se sòzinhos e a desenvolverem as suas aptidões básicas.

A preparação é essencialmente baseada no treino dos restantes sentidos em substituição do sentido da visão.

A equipa de reabilitação ao mesmo tempo que procede a este treino efectua uma avaliação do potencial do estagiário para o trabalho e procura desenvolver ao máximo as suas capacidades por forma que, findo o período de estágio, ou o integra num ambiente que proporcione trabalho sistematizado de modo a beneficiar capacidade profissional e a facilitar o exercício de um emprego conforme, ou o encaminha para treino profissional.

Em quase dois anos e meio de funcionamento o Centro empregou 52 pessoas cegas reabilitadas.

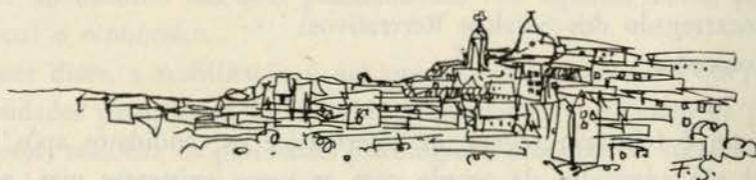
Em relação a estes 52 empregados verifica-se que, mesmo atribuindo-se-lhes um salário médio diário de 35\$00 (que efectivamente é mais elevado) os seus ganhos se podem computar em 587 840\$00 por ano.

Se pensarmos que destes a maioria vivia à custa de subsídios de assistência não podemos deixar de reconhecer que a sua reabilitação constituiu um acertado investimento de capital.

Os gastos aplicados foram de longe financeiramente compensados e, o que é mais importante, pessoas inúteis tornaram-se, através da reabilitação, membros activos da comunidade.

Muito resumidamente tentei dar a V. Ex.^{as} uma ideia sobre reabilitação de deficientes visuais, seus objectivos e pessoal que de tal se ocupa.

A forma como se efectua o processo de reabilitação vão ter ocasião de observar directamente através da visita que vai iniciar-se agora e que, espero, elucidará V. Ex.^{as} de uma forma positiva sobre o funcionamento deste Centro de Reabilitação.



CATÁLOGO
DA
COLECÇÃO DE MEDALHAS
pertencentes a
ARMÊNIO DA CUNHA MENDONÇA

que estiveram em exposição
no Grupo «Amigos de Lisboa»
de 13 a 30 de Junho de 1964

ABREVIATURAS

AV — *Ouro*

AR — *Prata*

AE — *Cobre*

BR — *Bronze*

PB — *Chumbo*

- 1940 — EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO — FUNDAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — AE prateado — 30 mm.
- 1940 — EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO — FUNDAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — AE latonado — 30 mm.
- 1940 — MEDALHA DA PROVA DE TIRO DO DUPLO CENTENÁRIO — FUNDAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — AE dourado — 32 mm.
- 1940 — MEDALHA DA PROVA DE TIRO DO DUPLO CENTENÁRIO — FUNDAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — AE — 32 mm.
- 1940 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — MARCHAS DE LISBOA no DUPLO CENTENÁRIO — 1140-1640 — Metal branco — 30 mm.
- 1940 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — ASSIDUIDADE E BONS SERVIÇOS — AV — 35 mm — *SIMÕES*.
- 1940 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — ASSIDUIDADE E BONS SERVIÇOS — AR — 35 mm — *SIMÕES*.



- 1940 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — ASSIDUIDADE E BONS SERVIÇOS — AE — 35 mm — *SIMÕES*.
- 1941 — Comemorativa da 1.^a EXPOSIÇÃO-FEIRA, DE ALENQUER — AE — 32 mm.
- 1941 — Comemorativa do CONGRESSO EUCARÍSTICO, REALIZADO EM MAFRA — AE dourado — 43 × 26 mm.
- 1941 — Plaquete dedicada ao DR. OLIVEIRA SALAZAR — AE — 112 × 90 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1943 — DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR — HOMENAGEM DA BÉLGICA — BR — 68 mm — *CARLES VAN DIONANT*.
- 1943 — Plaquete dedicada ao DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR — AO GRANDE ESTADISTA PORTUGUÊS — AO SALVADOR DE PORTUGAL — AE — 45 × 55 mm.
- 1943 — Dedicada ao DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR — Louça dourada — 68 × 93 mm.
- 1943 — FEDERAÇÃO DE TIRO NACIONAL PORTUGUESA — BR — 36 × 45 mm.
- 1943 — EXPOSIÇÃO CANINA — Prémio concedido a QUITO V. D. THALBURG — LISBOA — PORTUGAL — BR — 41,5 mm.
- 1943 — FESTAS DOS NOVOS — MAFRA — Alumínio — 27 mm.



- 1944 — EXPOSIÇÃO FILATÉLICA PORTUGUESA — EX FIPO — MEDALHA ATRIBUÍDA A J. COSTA — AE — 37 mm.
- 1944 — Dedicada ao PROFESSOR EGAS MONIZ — Angiografia cerebral — 1927 e Leucotomia pré-frontal — 1936 — BR — 70 mm — *JOÃO DA SILVA* — RARA — .
- 1944 — GRUPO DESPORTIVO ESTORIL PRAIA — 5.º ANIVERSÁRIO — SECÇÃO DE NATAÇÃO — PRÉMIO CONFERIDO AO NADADOR ZEFERINO LOPES B. P. E CASTRO — AE dourado — 30 mm.
- 1944 — SANTO ANDRÉ DA VILA DE MAFRA — Alumínio — 27 mm.
- 1944 — MOCIDADE PORTUGUESA — 4.º ACAMPAMENTO NACIONAL — AE — 31 × 31 mm.
- 1944 — MOCIDADE PORTUGUESA — Prova da medalha do 4.º ACAMPAMENTO NACIONAL — AE — 31 × 31 mm.
- 1944 — Dedicada a SUA IRMÃ, por *ANJOS TEIXEIRA (FILHO)* — AE — 110 mm.
- 1945 — INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA — HOMENAGEM A VIRGÍNIO LEITÃO VIEIRA DOS SANTOS, SEU FUNDADOR, NO CINQUENÁRIO — 1895-1945 — AE — 80 × 66 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1945 — MINISTÉRIO DA MARINHA — COMEMORAÇÃO DO 1.º CENTENÁRIO DA ESCOLA NAVAL — 1845-1945 — AE — 60 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.

- 1945 — COMPANHIA PORTUGUESA DE PESCA — Comemorativa dos 25 ANOS DA SUA FUNDAÇÃO — AE — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1946 — ARSENAL DO ALFEITE — «SAMEIRO» — Navio tanque de 15 mil toneladas — BR — 60 mm — *M. NORTE*.
- 1946 — BANCO DE PORTUGAL — Comemorativa do PRIMEIRO CENTENÁRIO — 1846-1946 — AR — 50 mm.
- 1946 — BANCO DE PORTUGAL — Comemorativa do PRIMEIRO CENTENÁRIO — 1846-1946 — BR — 50 mm.
- 1946 — AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR — V CENTENÁRIO DA DESCOBERTA DA GUINÉ — 1446-1946 — (Por mares nunca dantes navegados) — BR — 80 mm — *EUCLIDES*.
- 1946 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA GUINÉ — MOEDA DE UM ESCUDO — AE — 25 mm.
- 1946 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA GUINÉ — MOEDA DE CINQUENTA CENTAVOS — AE — 22 mm.
- 1946 — INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA — MARK ATHIAS — 1875-1946 — Dedicada pelos companheiros, discípulos e admiradores — BR — 60 x 80 — *SOARES BRANCO*.
- 1946 — FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA — Comemorativa do 3.º CENTENÁRIO DA CONSAGRAÇÃO DE PORTUGAL A NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILA VIÇOSA — 1646-1946 — AR — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1946 — FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA — Comemorativa do 3.º CENTENÁRIO DA CONSAGRAÇÃO DE PORTUGAL A NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILA VIÇOSA — 1646-1946 — AE — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1946 — SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA — 3.º CENTENÁRIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO — 1646-1946 — CONCEIÇÃO — MOEDA-MEDALHA — AR — 42 mm.
- 1946 — SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA — 3.º CENTENÁRIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO — 1646-1946 — CONCEIÇÃO — MOEDA-MEDALHA — AE — 42 mm.
- 1946 — COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — 13 de MAIO de 1946 — AR — 50 mm — *JOÃO DA SILVA*.

- 1947 — Comemorativa do VIII CENTENÁRIO DA TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS — AR — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1947 — Comemorativa do VIII CENTENÁRIO DA TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS — AR — 60 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1947 — Comemorativa do VIII CENTENÁRIO DA TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS — AE — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1947 — Comemorativa do VIII CENTENÁRIO DA TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS — AE — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1947 — Comemorativa do VIII CENTENÁRIO DA TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS — AE — 60 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1947 — Comemorativa da VISITA DO PESSOAL DA SOCONY-VACUUM, POR OCASIÃO DO VIII CENTENÁRIO DA TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS — AE — 50 mm.
- 1947 — COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO — Comemorativa da construção do navio «PÁTRIA» — BR — 70 mm — *M. NORTE*.
- 1947 — Plaquete comemorativa da 1.^a EXPOSIÇÃO DOS OURIVES DE LISBOA — AR — 49 × 40 mm.
- 1947 — Plaquete comemorativa da 1.^a EXPOSIÇÃO DOS OURIVES DE LISBOA — BR — 49 × 40 mm.
- 1947 — Comemorativa da CANONIZAÇÃO DE S. JOÃO DE BRITO — FORAM DILATANDO A FÉ E O IMPÉRIO — AR — 60 mm — *M. C.*
- 1947 — Comemorativa da CANONIZAÇÃO DE S. JOÃO DE BRITO — FORAM DILATANDO A FÉ E O IMPÉRIO — BR — 60 mm — *M. C.*
- 1947 — PEREGRINAÇÃO — PORTUGAL S. JOÃO DE BRITO — FORAM DILATANDO A FÉ E O IMPÉRIO — Esmalte — 40 × 90 mm.
- 1947 — COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — 13 DE MAIO DE 1946 — AE — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1947 — Comemorativa do 25.^o ANIVERSÁRIO DA 1.^a TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL — AR — 70 mm — *M. NORTE*.
- 1947 — Comemorativa do 25.^o ANIVERSÁRIO DA 1.^a TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL — BR — 70 mm — *M. NORTE*.

- 1947 — BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE CAMPO DE OURIQUE — TORNEIO DE XADREZ — AO CAMPEÃO DANIEL DE OLIVEIRA — AE dourado — 45 × 35 mm.
- 1948 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — EXPOSIÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS E CONGRESSOS NACIONAIS DE ENGENHARIA E ARQUITECTURA — AR — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1948 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — EXPOSIÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS E CONGRESSOS NACIONAIS DE ENGENHARIA E ARQUITECTURA — AE — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1948 — Comemorativa do 3.º CENTENÁRIO DA LIBERTAÇÃO DE ANGOLA — 1648-1948 — AR — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1948 — Comemorativa do 3.º CENTENÁRIO DA LIBERTAÇÃO DE ANGOLA — 1648-1948 — BR — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1948 — DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR — 1928-1948 — Comemorativa do 20.º ANIVERSÁRIO DO INGRESSO DE S. EX.ª, O PRESIDENTE DO CONSELHO, NO GOVERNO DA NAÇÃO — BR — 70 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1948 — Plaquete dedicada ao DR. ANTÓNIO LUÍS GOMES — AE — 90 × 70 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1948 — Plaquete dedicada ao DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS — 90.º ANIVERSÁRIO NATALÍCIO, 7-vii-1858 E 50.º ANIVERSÁRIO DA SUA NOMEAÇÃO PARA PROFESSOR DE NUMISMÁTICA — AR — 80 × 60 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1948 — Plaquete dedicada ao DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS — 90.º ANIVERSÁRIO NATALÍCIO, 7-vii-1858 E 50.º ANIVERSÁRIO DA SUA NOMEAÇÃO PARA PROFESSOR DE NUMISMÁTICA — BR — 80 × 60 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1948 — Plaquete dedicada ao DR. GOMES TEIXEIRA — CÉLEBRE MATEMÁTICO, SÁBIO E MESTRE — AR — 80 × 60 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1948 — Plaquete dedicada ao DR. GOMES TEIXEIRA — CÉLEBRE MATEMÁTICO, SÁBIO E MESTRE — BR — 80 × 60 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1948 — Dedicada ao PADRE FRANCISCO CRUZ — 1859-1948 — BR — 91 mm — *LUÍS RAMOS DE ABREU*.
- 1948 — ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA — Comemorativa do 50.º ANIVERSÁRIO DA OBRA LITERÁRIA DO DR. JÚLIO DANTAS, SEU PRESIDENTE — BR — 80 mm — *LEOPOLDO DE ALMEIDA*.

- 1948 — ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA — Comemorativa do 50.^o ANIVERSÁRIO DA OBRA LITERÁRIA DO DR. JÚLIO DANTAS, SEU PRESIDENTE — BR latonado — 80 mm — *LEOPOLDO DE ALMEIDA*.
- 1948 — JOÃO PEREIRA DA ROSA — POR SERVIÇOS PRESTADOS DURANTE 50 ANOS, NO JORNAL «O SÉCULO» — AE — 50 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1948 — Comemorativa dos 60 ANOS DO PARQUE VACINOGENICO DE LISBOA — 1888-1948 — Metal branco — 33 mm.
- 1948 — ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE GUIMARÃES, FUNDADA EM 1877 — AO MÉRITO — AE — 30 mm.
- 1948 — EMPRESA DE CIMENTO DE LEIRIA — DEDICAÇÃO — 25 ANOS DE TRABALHO — 1923-1948 — AR — 40 mm — *BRIONES*.
- 1949 — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PRODUTORES DE TRIGO — XX ANIVERSÁRIO DA CAMPANHA DO TRIGO — AR — 70 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1949 — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PRODUTORES DE TRIGO — XX ANIVERSÁRIO DA CAMPANHA DO TRIGO — AE — 70 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1949 — Comemorativa do XVI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE ARTE, REALIZADO EM LISBOA — AE — 83 mm — *FRANCISCO FRANCO*.
- 1949 — COMPANHIA PAPEL DO PRADO — PESSOAL COM 50 ANOS DE SERVIÇO — AE — 70 mm.
- 1949 — METRO GOLDWYN MAYER — Comemorativa das Bodas de Prata — (25 ANOS DE TRABALHO) — AR — 28 mm.
- 1949 — Prova de uma medalha religiosa, uniface, de JOÃO DA SILVA — BR dourado — 50 mm.
- 1950 — ARSENAL DO ALFEITE — Comemorativa da construção do navio tanque «SAM MAMEDE» — AR — 75 mm — *M. NORTE*.
- 1950 — ARSENAL DO ALFEITE — Comemorativa da construção do navio tanque «SAM MAMEDE» — BR — 75 mm — *M. NORTE*.

- 1950 — SACOR — HOMENAGEM A RICARDO DO ESPÍRITO SANTO SILVA — 12-11-950 — BR — 90 mm — *EDUARDO MALTA e J. VALENTE.*
- 1950 — DR. EGAS MONIZ — JORNADA MÉDICO-INTERNACIONAL, EM VERONA — BR — 37,5 mm — *LORIOLI RC.*
- 1950 — Plaquete dedicada a MOUZINHO DE ALBUQUERQUE — Cópia da estátua da autoria de SIMÕES DE ALMEIDA, SOBRINHO — AR — 60 × 80 mm — *M. NORTE.*
- 1950 — Plaquete dedicada a MOUZINHO DE ALBUQUERQUE — Cópia da estátua da autoria de SIMÕES DE ALMEIDA, SOBRINHO — BR — 60 × 80 mm — *M. NORTE.*
- 1950 — Dedicada ao grande romancista CAMILO CASTELO BRANCO, 1825-1890 — AE — 64 mm — *RAUL XAVIER.*
- 1950 — Comemorativa do CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE GUERRA JUNQUEIRO — BR — 87 mm — *LUÍS RAMOS DE ABREU.*
- 1950 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARVALHO SILVA PORTO — BR — 80 mm — *JOÃO DA SILVA.*
- 1950 — Comemorativa do 4.º CENTENÁRIO DE SÃO JOÃO DE DEUS — BR — 75 mm — *M. NORTE.*
- 1950 — Homenagem ao PROFESSOR REYNALDO DOS SANTOS, NA OCA-SIÃO DO SEU JUBILEU — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA,*
- 1950 — FESTA DOS TABULEIROS — TOMAR — Metal branco fosco — 20 × 30 mm.
- S/data — FESTA DOS TABULEIROS — TOMAR — Metal branco polido — 20 × 30 mm.
- 1950 — Medalha de PROVA DE TIRO MARECHAL CARMONA E COME-MORATIVA DO 75.º ANIVERSÁRIO DO GINÁSIO CLUBE POR-TUGUÊS, 1875-1950 — AE — 43 mm — *M. NORTE.*
- 1951 — Comemorativa das BODAS DE OURO DA COMPANHIA DE SEGU-ROS «ULTRAMARINA» — 50 ANOS AO SERVIÇO DO SEGURO NACIONAL — AE — 59 mm — *AMÉRICO E ROSA.*
- 1951 — ORDEM DOS ADVOGADOS — CONSAGRADA A MEMÓRIA DO PROFESSOR DR. MANUEL RODRIGUES JÚNIOR, MINISTRO DA JUSTIÇA, SEU FUNDADOR, NO XXV ANIVERSÁRIO — BR — 80 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA.*

- 1951 — MINISTÉRIO DAS FINANÇAS — Comemorativa do CENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA FAZENDA — 1801-1951 — BR — 100 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1951 — COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI — GUGLIELMO MARCONI — 1874-1937 — (25 ANOS — 1926-1951) — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1951 — COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI — GUGLIELMO MARCONI — 1874-1937 — (25 ANOS — 1926-1951) — BR — 40 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1951 — COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI — GUGLIELMO MARCONI — 1874-1937 — (25 ANOS — 1926-1951) — BR dourado — 40 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1951 — BANCO DE ANGOLA — Comemorativa dos 25 ANOS AO SERVIÇO DE ANGOLA — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1951 — Comemorativa do 2.º CENTENÁRIO DA COMPANHIA AGRÍCOLA E COMERCIAL DOS VINHOS DO PORTO — CASA FERREIRINHA — 1751-1951 — BR — 66 mm — *M. A.*
- 1951 — Comemorativa dos BODAS DE PRATA DA CAMARA MUNICIPAL DA MURTOSA — 1926-1951 — BR — 30 mm.
- 1951 — FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA — HOMENAGEM À RAINHA D. LUÍSA DE GUSMÃO — MDCXIII-MDCLXVI — LEAL AO SERVIÇO DO REI E DO REINO DE PORTUGAL — BR — 80 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1951 — JUNTA DA MARINHA MERCANTE — Comemorativa do 1.º CONGRESSO DA MARINHA MERCANTE NACIONAL — BR — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1951 — JUNTA DA MARINHA MERCANTE — Comemorativa do 1.º CONGRESSO DA MARINHA MERCANTE NACIONAL — BR latonado — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1951 — POLYPHONIA — Comemorativa do X e XX ANIVERSÁRIOS DO AGRUPAMENTO CORAL SOB A DIRECÇÃO DO MUSICÓLOGO MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO — BR — 70 x 90 mm.
- 1951 — Comemorativa do 25.º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO NACIONAL (VINTE E CINCO ANOS DE RESSURGIMENTO) — 28 DE MAIO 1926-1951 — AR — 80 mm — *M. NORTE*.

- 1951 — Comemorativa do 25.º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO NACIONAL (VINTE E CINCO ANOS DE RESSURGIMENTO) — 28 DE MAIO 1926-1951 — BR — 80 mm — *M. NORTE*.
- 1951 — Dedicada ao DR. MIGUEL BOMBARDA, NO PRIMEIRO CENTENÁRIO — 1851-1951 — BR — 83 mm — *LUÍS RAMOS DE ABREU*.
- 1951 — Dedicada a EÇA DE QUEIROZ — 1845-1900 — BR — 87 mm — *LUÍS RAMOS DE ABREU*.
- 1951 — Dedicada a MALHOA — 1855-1933 — BR — 91 mm — *LUÍS RAMOS DE ABREU*.
- 1951 — Dedicada a AQUILINO RIBEIRO — BR — 87 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1951 — Dedicada a AUGUSTO CARLOS TEIXEIRA DE ARAGÃO, GRANDE NUMISMATA — 1828-1903 — AE — 87 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1951 — Dedicada ao DR. JOÃO COUTO, DIRECTOR DO MUSEU DE ARTE ANTIGA — BR — 90 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1951 — Dedicada a CAMILO CASTELO BRANCO — 1825-1890 — AE — 62 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1951 — Dedicada ao DR. BERNARDINO MACHADO — III PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA e comemorativa do CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO — BR — 97 mm — *LUÍS RAMOS DE ABREU*.
- 1951 — SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA — Comemorativa do 1.º TORNEIO ENTRE O GRUPO DE XADREZ DE LISBOA E O CLUB DE AJEDREZ RUY LOPEZ, REALIZADO NO TIVOLI — Medalha ganha por DANIEL DE OLIVEIRA — AE dourado — 32 × 55 mm.
- 1952 — MINISTÉRIO DAS FINANÇAS — HOMENAGEM AO DR. ARTUR ÁGUEDO DE OLIVEIRA — BR — 70 mm — *NUMÍDICO*.
- 1952 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DA PONTE MARECHAL CARMONA, EM VILA FRANCA DE XIRA — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1952 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO — CONSTRUIR PARA ENGRANDECER PORTUGAL — BR — 80 mm — *F. FRANCO*.

- 1952 — ADMINISTRAÇÃO-GERAL DO PORTO DE LISBOA — BR — 90 mm
— *JOÃO DA SILVA*.
- 1952 — ADMINISTRAÇÃO-GERAL DO PORTO DE LISBOA — BR — 40 mm
— *JOÃO DA SILVA*.
- 1952 — AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR — Comemorativa do IV CENTENÁRIO DA MORTE DE S. FRANCISCO XAVIER — 1552-1952 — BR — 70 mm — *M. C.*
- 1952 — AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR — Miniatura da Medalha comemorativa do IV CENTENÁRIO DA MORTE DE S. FRANCISCO XAVIER — BR — 12 mm — *M. C.*
- 1952 — AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR — Miniatura da Medalha comemorativa do IV CENTENÁRIO DA MORTE DE S. FRANCISCO XAVIER — AR — 12 mm — *M. C.*
- 1952 — Comemorativa do IV CENTENÁRIO DA MORTE DO APÓSTOLO DAS ÍNDIAS, S. FRANCISCO XAVIER — AE — 90 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1952 — FESTAS REALIZADAS NA ÍNDIA EM HONRA DE S. FRANCISCO XAVIER — RELÍQUIAS DE S. FRANCISCO XAVIER — GOA — 22 × 17 mm — AE dourado.
- 1952 — JUNTA NACIONAL DO VINHO — CONCURSO NACIONAL DE VINHOS ENGARRAFADOS DE MARCA — AE — 44 mm.
- 1952 — JUNTA NACIONAL DO VINHO — CONCURSO NACIONAL DE VINHOS ENGARRAFADOS DE MARCA — BR dourado — 45 mm.
- 1952 — SACOR — HOMENAGEM A MARTIN SAIN, SEU FUNDADOR — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1952 — Dedicada a ERNESTO SOARES, PROFESSOR, ERUDITO INVESTIGADOR E PUBLICISTA — AE — 87 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1952 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DE S. TORCATO — Alumínio dourado — 20 mm.
- 1952 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DE S. TORCATO — Alumínio prateado — 20 mm.
- 1952 — Medalha com o TEMPLO E TÚMULO DE S. TORCATO, EM GUIMARÃES — Alumínio — 45 × 33 mm.

- 1952 — Medalha com o TEMPLO E TÚMULO DE S. TORCATO, EM GUIMARAES — Alumínio — 42 × 35 mm.
- 1952 — Medalha com o TEMPLO E TÚMULO DE S. TORCATO, EM GUIMARAES — Alumínio — 22 × 20 mm.
- 1952 — CLUBE DOS «100 À HORA» — Comemorativa da IV GRANDE VOLTA A PORTUGAL — AE — 80 × 50 mm.
- 1952 — Dedicada a D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS, GRANDE ESCRITORA — 1851-1925 — AE — 90 mm — *R. XAVIER.*
- 1952 — ANTÓNIO LOPES DOS SANTOS — 50 ANOS DE ACTIVIDADE COMERCIAL NA TABACARIA «A PHENIX» — 7-7-1902 - 7-7-1952 — AE — 70 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA.*
- 1952 — Comemorativa das BODAS DE OURO DOS PAIS DO SR. ENGENHEIRO JOSÉ FREDERICO ULRICH — AR — 25 mm. — *LEOPOLDO DE ALMEIDA.*
- 1952 — GRUPO EXCURSIONISTA LARANJINHA — Porcelana — 25 × 35 mm.
- 1953 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — INAUGURAÇÃO DO HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA.*
- 1953 — FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA — Dedicada a D. CARLOS I, REI DE PORTUGAL — AR — 60 mm — *NUMIDICO.*
- 1953 — FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA — Dedicada a D. CARLOS I, REI DE PORTUGAL — BR — 60 mm — *NUMIDICO.*
- 1953 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO SELO PORTUGUÊS — BR — 50 mm.
- 1953 — Prova em zinco do reverso da Medalha comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO SELO PORTUGUÊS — 50 mm.
- 1953 — Prova em zinco do anverso da Medalha comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO SELO PORTUGUÊS — 50 mm.
- 1953 — COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DAS CARREIRAS REGULARES ENTRE PORTUGAL E O BRASIL — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA.*
- 1953 — Comemorativa do MILENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA VILA DE GUIMARAES e CENTENÁRIO DA CIDADE — BR — 70 mm — *NUMIDICO.*

- 1953 — EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL AGRÍCOLA EM GUIMARAES, REALIZADA DE 23 DE JUNHO A 15 DE AGOSTO DE 1953 — Metal dourado — 30 mm.
- 1953 — Comemorativa do V CONGRESSO INTERNACIONAL DE NEUROLOGIA — LISBOA — AR — 30 mm — *LEOPOLDO DE ALMEIDA*.
- 1953 — Comemorativa do V CONGRESSO INTERNACIONAL DE NEUROLOGIA — LISBOA — AE — 80 mm — *LEOPOLDO DE ALMEIDA*.
- 1953 — Comemorativa do V CONGRESSO INTERNACIONAL DE NEUROLOGIA — LISBOA — AE — 30 mm — *LEOPOLDO DE ALMEIDA*.
- 1953 — SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO — Comemorativa do VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE TURISMO EM PORTUGAL, PROMOVIDO PELA UNIÃO INTERNACIONAL DOS ORGANISMOS OFICIAIS DE TURISMO — BR — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1953 — SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO — Comemorativa do VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE TURISMO EM PORTUGAL, PROMOVIDO PELA UNIÃO INTERNACIONAL DOS ORGANISMOS OFICIAIS DE TURISMO — BR dourado — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*
- 1953 — MOCIDADE PORTUGUESA — CENTRO DE FORMAÇÃO IMPERIAL — DELEGAÇÃO DE ANGOLA — Comemorativa do 1.º CRUZEIRO CAMPISTA DE ANGOLA À METRÓPOLE — AE — 35 mm.
- 1953 — Comemorativa do 50.º ANIVERSÁRIO DO AUTOMÓVEL CLUBE DE PORTUGAL — 15 DE ABRIL DE 1903 a 15 DE ABRIL DE 1953 — BR — 60 mm — *AMÉRICO E ROSA*.
- 1953 — Comemorativa do 50.º ANIVERSÁRIO DO AUTOMÓVEL CLUBE DE PORTUGAL — 15 DE ABRIL DE 1903 a 15 DE ABRIL DE 1953 — BR dourado — 60 mm — *AMÉRICO E ROSA*.
- 1953 — Comemorativa do RESSURGIMENTO E REMODELAÇÃO FINANCEIRA — MOEDA DE VINTE ESCUDOS — AR — 33 mm.
- 1953 — ASSOCIAÇÃO FRATERNAL DOS ARTISTAS VILA-FRANQUENSES — 1.º CENTENÁRIO — AR — 33 mm.
- 1953 — CLUBE DESPORTIVO CULTURAL E RECREATIVO DOS CORREIOS, TELÉGRAFOS E TELEFONES — Medalha mandada cunhar como lembrança ao Professor ROGÉRIO TORRES, DO LISBOA GINÁSIO CLUBE, EM 14 DE MAIO DE 1953 — AE prateado — 70 mm.

- 1953 — ASSOCIAÇÃO DOS ESCUTEIROS DE PORTUGAL — Comemorativa dos 40 ANOS — 1913-1953 — AE dourado — 30 mm.
- 1953 — COMISSÃO ORGANIZADORA DA CONSTRUÇÃO DA IGREJA A CRISTO-REI, NO BOMBARRAL — CRISTO SALVADOR — REI DO MUNDO — AE — 80 mm — *MARTINS CORREIA*.
- 1953 — Comemorativa das BODAS DE OURO DOS PAIS DO SR. ENGENHEIRO PAULO DE BARROS — AE — 60 mm — *M. NORTE*.
- 1953 — Lembrança da Peregrinação da CASA DA SORTE A FÁTIMA, EM 28-7-1953 — AR dourado — 20 mm.
- 1953 — Homenagem ao PROFESSOR DR. ABEL SALAZAR — BR — 30 mm — *NUMÍDICO BESSONE BORGES DE MEDEIROS DE AMORIM*.
- 1953 — Homenagem ao DR. ALBERTO MAC-BRIDE FERNANDES — MÉDICO E OLISIPÓGRAFO — 1886-1953 — AE — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1953 — Dedicada a NICOLAU PAGANINI — CÉLEBRE VIOLINISTA ITALIANO — 1784-1840 — AE — 94 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1953 — Dedicada a DOSTOIEWSKY (FIGODOR MIHHAYLEVITCH) — ROMANCISTA RUSSO — 1821-1881 — AE — 100 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1953 — Dedicada a DOSTOIEWSKY (FIGODOR MIHHAYLEVITCH) — ROMANCISTA RUSSO — 1821-1881 — AE — 64 mm — *R. XAVIER*.
- 1953 — Dedicada a IGNACE JAN PADEREWSKY — AE — 90 mm — *R. XAVIER*.
- 1953 — Medalha de PRÉMIO INTERNACIONAL DE DEONTOLOGIA MÉDICA — AE — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1954 — Comemorativa da VISITA DO CHEFE DO ESTADO, GENERAL CRAVEIRO LOPES, ÀS PROVÍNCIAS DE ANGOLA E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — AR — 60 mm — *LEOPOLDO DE ALMEIDA*.
- 1954 — Comemorativa da VISITA DO CHEFE DO ESTADO, GENERAL CRAVEIRO LOPES, ÀS PROVÍNCIAS DE ANGOLA E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — AE — 60 mm — *LEOPOLDO DE ALMEIDA*.
- 1954 — Comemorativa do IV CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DE S. PAULO — BRASIL — HOMENAGEM DE PORTUGAL À CIDADE DE S. PAULO — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.

- 1954 — Comemorativa do PRIMEIRO CENTENÁRIO DA ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO E INDÚSTRIA — AR — 50 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1954 — Comemorativa do PRIMEIRO CENTENÁRIO DA ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO E INDÚSTRIA — BR — 50 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1954 — FESTAS JUBILARES — SAMEIRO — BRAGA — Cobre dourado — 32 mm.
- 1954 — FESTAS JUBILARES — SAMEIRO — BRAGA — AE prateado — 32 mm.
- 1954 — FESTAS JUBILARES — SAMEIRO — BRAGA — Alumínio — 32 mm.
- 1954 — Homenagem a S. E. D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA, CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA — BR — 100 mm — *LUÍS RAMOS DE ABREU*.
- 1954 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DO BOMBEIRO, EM BARCELOS, EM MARÇO DE 1954 — AE — 38 mm.
- 1954 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO DO SPORT LISBOA E BENFICA, EM DEZEMBRO DE 1954 — AE — 30 × 30 mm.
- 1954 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO DO SPORT LISBOA E BENFICA, EM DEZEMBRO DE 1954 — Alumínio — 30 × 30 mm.
- 1954 — Dedicada a WESCESLAU JOSÉ DE SOUSA MORAIS — GRANDE ESCRITOR — AE — 71 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1954 — Dedicada ao grande romancista CAMILO CASTELO BRANCO — 1825-1890 — AE — 80 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1954 — Comemorativa do CENTENÁRIO DE ALMEIDA GARRETT — A PÁTRIA AGRADECIDA A GARRETT — AE — 90 mm — *JOAQUIM CORREIA*.
- 1954 — FUNDAÇÃO NACIONAL PARA ALEGRIA NO TRABALHO — FESTIVAL DE GINÁSTICA REALIZADO NO PAVILHÃO DE DESPORTOS DE LISBOA — Medalha atribuída a JÚLIO PEDRO GONÇALVES — AE prateado — 36 mm.
- 1955 — Comemorativa da VISITA DO CHEFE DO ESTADO, GENERAL CRAVEIRO LOPES, ÀS PROVÍNCIAS DA GUINÉ E CABO VERDE — AR — 60 mm — *EUCLIDES*.

- 1955 — ESCOLA DO EXÉRCITO — ACTUALMENTE ACADEMIA MILITAR — Medalha para premiar os alunos de vários cursos — BR — 60 mm.
- 1955 — GRÉMIO DOS ARMADORES DA PESCA DO BACALHAU — Comemorativa da construção do navio hospital «GIL EANES», de apoio à frota bacalhoeira — AE — 59 × 129 mm — *R. REBELO* e *M. NORTE*.
- 1955 — ARSENAL DO ALFEITE — Comemorativa do lançamento à água dos navios-patrolhas «SANTO ANTÃO» e «SANTA LUZIA», da MARI-NHA DE GUERRA PORTUGUESA — BR — 75 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1955 — MUSEU PROVINCIAL DE JOSÉ MALHOA, DAS CALDAS DA RAINHA — Comemorativa do CENTENÁRIO DE MALHOA — AE — 80 mm — *LEOPOLDO DE ALMEIDA*.
- 1955 — MUSEU PROVINCIAL DE JOSÉ MALHOA, DAS CALDAS DA RAINHA — Comemorativa do CENTENÁRIO DE MALHOA — Festas realizadas nas Caldas da Rainha — Metal branco — 30 mm — *MARÉS*.
- 1955 — MUSEU PROVINCIAL DE JOSÉ MALHOA, DAS CALDAS DA RAINHA — Comemorativa do CENTENÁRIO DE MALHOA — Festas realizadas nas Caldas da Rainha — Alumínio — 30 mm — *MARÉS*.
- 1955 — Comemorativa das BODAS DE DIAMANTE DO ORFEON ACADÉ-MICO DE COIMBRA — AE — 70 mm.
- 1955 — Comemorativa das BODAS DE OURO DA COMPANHIA DE SEGU-ROS «A NACIONAL» — 50 ANOS DA SUA FUNDAÇÃO — BR — 60 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1955 — Comemorativa do 1.º ANIVERSÁRIO DO ESTÁDIO DO SPORT LIS-BOA E BENFICA — AR — 33 mm.
- 1955 — Comemorativa do 1.º ANIVERSÁRIO DO ESTÁDIO DO SPORT LIS-BOA E BENFICA — AE — 34 mm.
- 1955 — Comemorativa do 1.º ANIVERSÁRIO DO ESTÁDIO DO SPORT LIS-BOA E BENFICA — Alumínio — 33 mm.
- 1955 — ROTÁRIO CLUBE DE BRAGA — Homenagem ao DR. MANUEL MONTEIRO — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1955 — Dedicada à DUQUESA DE PALMELA, FIDALGA E ARTISTA — 1841-1909 — BR — 180 × 85 mm — *L. RAMOS DE ABREU*.
- 1955 — Dedicada a SOARES DOS REIS, GRANDE ESCULTOR — AE — 85 mm — *RAUL XAVIER*.

- 1955 — Dedicada a DAMIÃO DE GOES — CRONISTA-MOR DO REINO — 1502-1574 — AE — 97 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1955 — Dedicada a JOÃO DOMINGOS BONTEMPO — (CÉLEBRE PIANISTA E COMPOSITOR MUSICAL) — AE — 93 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1955 — Dedicada a JOÃO DE DEUS RAMOS — AE — 85 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1955 — Dedicada a «O AMATO LUSITANO» — JOÃO RODRIGUES DE CASTELO BRANCO, O MAIS NOTÁVEL MÉDICO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI — 1511-1568 — AE — 87 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1956 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA A NIASSALÂNDIA E RODÉSIA — Prata dourada — 30 mm.
- 1956 — Comemorativa da VISITA PRESIDENCIAL A MOÇAMBIQUE — FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES — BR — 60 mm — *NUMF-DICO*.
- 1956 — Comemorativa da 1.ª EXPOSIÇÃO DE ACTIVIDADES ECONÓMICAS — MOÇAMBIQUE — Integrada na viagem presidencial do GENERAL CRAVEIRO LOPES — BR — 60 mm — *SILVA PINTO*.
- 1956 — Dedicada ao PROFESSOR DR. OLIVEIRA SALAZAR — PRESIDENTE DO CONSELHO — BR — 115 mm — *L. R. DE ABREU*.
- 1956 — Comemorativa do XX ANIVERSÁRIO DA LEGIÃO PORTUGUESA — AE — 70 mm.
- 1956 — ARSENAL DO ALFEITE — Comemorativa da construção do navio tanque «ERATI» — BR — 75 mm — *M. NORTE*.
- 1956 — COMPANHIA CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES — Comemorativa do CENTENÁRIO DOS CAMINHOS DE FERRO EM PORTUGAL — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1956 — COMPANHIA CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES — Comemorativa do CENTENÁRIO DOS CAMINHOS DE FERRO EM PORTUGAL — BR — 50 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1956 — FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE VELA — Comemorativa da 1.ª REGATA DE TORBAY A LISBOA, GANHA PELA «SAGRES» — AE — 70 mm.

- 1956 — Medalha-Emblema — NAVIO ESCOLA «SAGRES» — Comemorativa da 1.ª REGATA DE TORBAY A LISBOA, GANHA PELA «SAGRES» — Metal dourado — 40 mm.
- 1956 — MOCIDADE PORTUGUESA — Comemorativa do V ACAMPAMENTO NACIONAL — AE — 35 mm.
- 1956 — GRÊMIO DAS OFICINAS DE REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS E INDÚSTRIAS ANEXAS DO SUL — 25 ANOS DE BONS SERVIÇOS — Medalha oferecida a FLORIVAL DA SILVA — AV — 40 mm.
- 1956 — JUNTA DE TURISMO DE CASCAIS — ESTORIL — Medalha para prémios de exposições, concursos e jogos — BR — 40 mm — *MARIA BARREIRA* e *VASCO PEREIRA DA CONCEIÇÃO*.
- 1956 — Comemorativa do SEMI-JUBILEU DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA — AE — 50 mm — *NUMÍDICO*.
- 1956 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA — BR — 70 mm — *M. ALICE*.
- 1956 — HOSPITAL JÚLIO DE MATOS — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO PROFESSOR JÚLIO DE MATOS — BR — 80 mm — *VASCO PEREIRA DA CONCEIÇÃO*.
- 1956 — Comemorativa da «SACOR» — AE — 80 mm — *M. NORTE*.
- 1956 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO JORNAL DO COMÉRCIO — 1853-1953 — AE — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1956 — CLUBE ROTÁRIO DAS CALDAS DA RAINHA — Comemorativa da X CONFERÊNCIA DO DISTRITO ROTÁRIO N.º 65, EM MAIO DE 1956 — Louça — 103 mm.
- 1956 — Dedicada a ALEXANDRE HERCULANO, GRANDE HISTORIADOR E INVESTIGADOR — 1810-1877 — BR — 92 mm — *L. R. DE ABREU*.
- 1956 — VILA DE ALCANENA — Comemorativa da III VISITA DE D. MANUEL II, CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA, A ALCANENA, DE 7 A 14 DE OUTUBRO DE 1956 E DA VISITA DE NOSSA SENHORA PEREGRINA DE FÁTIMA — AE — 35 mm.
- 1956 — Dedicada a SEBASTIÃO FILIPE MARTINS ESTÁCIO DA VEIGA, NOTÁVEL ARQUEOLÓGICO, POETA E ESCRITOR — 1828-1891 — AE — 67 mm — *RAUL XAVIER*.

- 1956 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO DO CLUBE DE FUTEBOL «OS BELENENSES», EM 23 DE SETEMBRO DE 1956 — AE — 59 mm — *AMÉRICO E ROSA*.
- 1956 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO «JOSÉ DE ALVALADE», do SPORTING CLUBE DE PORTUGAL — AE — 58 mm.
- 1956 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO «JOSÉ DE ALVALADE», do SPORTING CLUBE DE PORTUGAL — AE — 35 mm.
- 1956 — REGINA CLUBE — 1.^o EXPOSIÇÃO DE ARTE — BR — 80 mm — *MARCOS E ABREU*.
- 1956 — CONFEITARIA NACIONAL — CASA CENTENÁRIA — Comemorativa de 127 ANOS DA SUA FUNDAÇÃO, EM 8-12-1829 — AR — 44 mm.
- 1956 — CONFEITARIA NACIONAL — CASA CENTENÁRIA — Comemorativa de 127 ANOS DA SUA FUNDAÇÃO, EM 8-12-1829 — AR dourada — 44 mm.
- 1956 — FESTA DOS TABULEIROS — TOMAR — Latão e esmalte — 40 × 45 mm.
- 1957 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA GENERAL CRAVEIRO LOPES, AO BRASIL — PELA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA — AE — 55 mm.
- 1957 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA GENERAL CRAVEIRO LOPES, AO BRASIL — HOMENAGEM DOS BRASILEIROS — AE — 50 mm.
- 1957 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA GENERAL CRAVEIRO LOPES, AO BRASIL — MANDADA CUNHAR PELA UNIVERSIDADE DO BRASIL — BR — 50 mm.
- 1957 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA GENERAL CRAVEIRO LOPES, AO BRASIL — HOMENAGEM DA CIDADE DE SANTOS — AE — 55 mm.
- 1957 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA GENERAL CRAVEIRO LOPES, AO BRASIL — HOMENAGEM DO COMÉRCIO DO RIO DE JANEIRO — AE — 50 mm — *B. RIBEIRO*.
- 1957 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO NOVO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA — AE — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.

- 1957 — REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL — TROFEU D. PEDRO V — AE prateado — 35 mm.
- 1957 — SOCIEDADE PORTUGUESA DE NAVIOS TANQUES, LDA. — «SONATA» — Comemorativa do X ANIVERSÁRIO DA SUA FUNDAÇÃO — AE — 80 mm — *ANTÓNIO LINO*.
- 1957 — OBRA SOCIAL DE S. MARTINHO DE GÂNDARA, FUNDADA EM 22 DE SETEMBRO DE 1945 — BR — 60 mm — *NUMÍDICO*.
- 1957 — Comemorativa do CENTENÁRIO DE FIALHO DE ALMEIDA — BR — 95 mm.
- 1957 — CASA DO ALENTEJO — Comemorativa do CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE FIALHO DE ALMEIDA — AR — 70 mm — *M. NORTE*.
- 1957 — CASA DO ALENTEJO — Comemorativa do CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE FIALHO DE ALMEIDA — BR — 70 mm — *M. NORTE*.
- 1957 — Comemorativa do CENTENÁRIO DE SAMPAIO BRUNO — 1857-1957 — AE — 110 mm — *LUÍS RAMOS DE ABREU*.
- 1957 — DEDICADA A LUÍS MARIA von BEETHOVEN — GRANDE POETA MÚSICO — AE — 95 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1958 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — Comemorativa da entrega por este Ministério ao do Ultramar, do NOVO EDIFÍCIO DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL — BR — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1958 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — Comemorativa da entrega por este Ministério ao da Educação Nacional, do EDIFÍCIO DA FACULDADE DE LETRAS — AE — 80 mm — *EUCLIDES*.
- 1958 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA E HOSPITAL DE S. JOÃO NO PORTO, NO XXXII ANO DO GOVERNO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR — AE — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1958 — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PRODUTORES DE TRIGO — Comemorativa dos 25 ANOS AO SERVIÇO DA LAVOURA — AE — 80 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1958 — Comemorativa do 75.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO HOSPITAL CENTRAL MARIA PIA — AE — 60 mm.

- 1958 — ARSENAL DO ALFEITE — Comemorativa da Colaboração na Indústria de Construção Naval Sueca — Navio tanque «HECTOR HERON» — BR — 75 mm — *M. NORTE*.
- 1958 — UNIÃO DOS GRÉMIOS DE LOJISTAS DE LISBOA — I EXPOSIÇÃO PORTUGUESA DE FILATELIA TEMÁTICA REALIZADA EM LISBOA, DE 23 A 31 DE MAIO DE 1958 — MEDALHA PARA PRÉMIO — AE — 48 mm.
- 1958 — JUNTA NACIONAL DA MARINHA MERCANTE — Comemorativa do II CONGRESSO NACIONAL DA MARINHA MERCANTE — OS CAMINHOS DO MAR ENGRANDECEM A NAÇÃO — AE — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1958 — MUSEU PROVINCIAL JOSÉ MALHOA, DAS CALDAS DA RAINHA — RAINHA D. LEONOR — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DAS MISERICÓRDIAS — BR — 80 mm — *NUMÍDICO*.
- 1958 — Comemorativa do XX ANIVERSÁRIO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS DE 1934-1938, do qual fez parte o actual ministro das Finanças, PROFESSOR DR. ANTÓNIO PINTO BARBOSA — AE — 60 mm — *NUMÍDICO*.
- 1958 — CÂMARA MUNICIPAL DE MOÇÂMEDES — Comemorativa do 107.º ANIVERSÁRIO DA CHEGADA DA SEGUNDA COLÓNIA — EXPOSIÇÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA — AE — 70 mm.
- 1958 — CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DA PRAIA — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DA ELEVAÇÃO DA VILA DE SANTA MARIA A CIDADE DA PRAIA — BR — 70 mm — *GONZAGA*.
- 1958 — CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DA PRAIA — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DA ELEVAÇÃO DA VILA DE SANTA MARIA A CIDADE DA PRAIA — Casquinha — 70 mm — *GONZAGA*.
- 1958 — Comemorativa dos 70 ANOS DA FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO LISBONENSE DE PROPRIETÁRIOS — BR — 80 mm — *M. NORTE*.
- 1958 — SIMÕES & C.ª LDA. — Medalha de BONS E LEAIS SERVIÇOS — AE — 35 mm.
- 1958 — Comemorativa do 150.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DE SEGUROS «BONANÇA» — AE — 80 mm — *M. NORTE*.
- 1958 — Comemorativa do DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DE COMBUSTÍVEIS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS «CIDLA» E INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE ENCHIMENTO DE GÁS, EM LISBOA — AE — 90 × 65 mm — *J. CORREIA*.

- 1958 — REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL — TROFEU D. PEDRO V — AE — 35 mm.
- 1958 — CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL — Comemorativa do CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO DR. LEITE DE VASCONCELOS — AR — 39 mm — CASACA.
- 1958 — CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL — Comemorativa do CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO DR. LEITE DE VASCONCELOS — AE — 39 mm — CASACA.
- 1958 — CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL — Comemorativa do CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO DR. LEITE DE VASCONCELOS — Prova em chumbo da medalha — 39 mm — CASACA.
- 1958 — CLUBE DOS CAÇADORES PORTUGUESES — EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL DE LISBOA — 1908-1958 — AE dourado — 43 mm.
- 1958 — Dedicada a FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES, PELA SUA PROMOÇÃO A MARECHAL EM 13 DE NOVEMBRO DE 1958 — E QUE FOI PRESIDENTE DA REPÚBLICA DE 3-8-951 A 8-8-958 — AE — 31 mm — JOSÉ LUCIANO.
- 1958 — Prova em chumbo do anverso da Medalha dedicada a FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES, PELA SUA PROMOÇÃO A MARECHAL EM 13 DE NOVEMBRO DE 1958 — E QUE FOI PRESIDENTE DA REPÚBLICA DE 3-8-951 A 8-8-958 — Chumbo — 31 mm — JOSÉ LUCIANO.
- 1958 — Dedicada ao PROFESSOR DR. OLIVEIRA SALAZAR — PRESIDENTE DO CONSELHO — AE — 110 mm — ARTUR MIRANDA DE ABREU.
- 1958 — Dedicada a GUILHERME RICHARD WAGNER, O MAIOR COMPOSITOR DRAMÁTICO DO SÉCULO XIX — AE — 95 mm — RAUL XAVIER.
- 1958 — Dedicada a MARCOS DE PORTUGAL (MARCOS ANTÓNIO DA FONSECA PORTUGAL) — Um dos mais célebres compositores portugueses — AE — 97 mm — RAUL XAVIER.
- 1958 — Dedicada a FRANCISCO MARTINS SARMENTO, Arqueólogo ilustre, fundador da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães — 1833-1899 — AE — 100 mm — R. XAVIER.
- 1958 — Dedicada a ANTÓNIO CARLOS GOMES — (Maestro Brasileiro) — AE — 95 mm — RAUL XAVIER.

- 1959 — MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL — Comemorativa do JUBILEU DO PROFESSOR DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR — 1917-1959 — POR INICIATIVA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA — AE — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1959 — Comemorativa das BODAS DE OURO DA FUNDAÇÃO DO AERO CLUBE DE PORTUGAL, EM 11 DE DEZEMBRO DE 1909 — AR — 80 mm — *M. NORTE*.
- 1959 — Comemorativa das BODAS DE OURO DA FUNDAÇÃO DO AERO CLUBE DE PORTUGAL, EM 11 DE DEZEMBRO DE 1909 — AE — 80 mm — *M. NORTE*.
- 1959 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — Comemorativa do CONGRESSO HISPANO-LUSO-AMERICANO-FILIPINO DE MUNICÍPIOS — AE — 65 mm — *J. CORREIA*.
- 1959 — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE MOAGEM — Comemorativa dos 25 ANOS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA E DA NAÇÃO E INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA DE MOAGEM DE MILHO, EM ALHANDRA — AR — 80 mm.
- 1959 — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE MOAGEM — Comemorativa dos 25 ANOS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA E DA NAÇÃO E INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA DE MOAGEM DE MILHO, EM ALHANDRA — AE — 80 mm.
- 1959 — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE MOAGEM — Comemorativa dos 25 ANOS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA E DA NAÇÃO E INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA DE MOAGEM DE MILHO, EM ALHANDRA — AE dourado — 80 mm.
- 1959 — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE MOAGEM — Comemorativa dos 25 ANOS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA E DA NAÇÃO E INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA DE MOAGEM DE MILHO, EM ALHANDRA — AE prateado — 80 mm.
- 1959 — CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA — Comemorativa do IV CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA — AE — 80 mm — *VASCO DA CONCEIÇÃO*.
- 1959 — CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA — EXPOSIÇÃO DE MÁQUINAS E ALFAIAS AGRÍCOLAS, PELA FEIRA DE S. JOÃO — AE — 80 mm.
- 1959 — Comemorativa do MILENÁRIO E DO BICENTENÁRIO DA CIDADE DE AVEIRO — AE — 55 mm.

- 1959 — PROVÍNCIA PORTUGUESA DA GUINÉ — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DA MORTE DE HONÓRIO PEREIRA BARRETO — AE — 80 mm — *M. NORTE*.
- 1959 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CRISTO-REI EM 17-5-1959 — AR — 30 mm — *ALVES*.
- 1959 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CRISTO-REI EM 17-5-1959 — AE — 80 mm — *ALVES*.
- 1959 — SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA — MEDALHA N.º 173 DE SÓCIO, ARMÉNIO DA CUNHA MENDONÇA — AR — 50 mm.
- 1959 — ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA — Comemorativa do 10.º ANIVERSÁRIO DA FEIRA DAS INDÚSTRIAS PORTUGUESAS — BR — 65 × 65 mm.
- 1959 — SODA PÓVOA — Medalha comemorativa dos 25 ANOS DE SERVIÇO — AR — 40 mm.
- 1959 — REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL — TROFEU D. PEDRO V — AE — 35 mm.
- 1959 — LAMBRETA CLUBE DE LISBOA — Cobre prateado — 90 × 50 mm.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — AE — 105 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE, O NAVEGADOR — COMISSÃO EXECUTIVA DAS COMEMORAÇÕES — AE — 100 mm — *JOÃO DA SILVA e VASCO DA CONCEIÇÃO*.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA — AR — 50 mm — *TORRES*.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA — AE — 50 mm — *TORRES*.
- 1960 — ESCOLA DE ARTES DECORATIVAS SOARES DOS REIS — PRESENTE NAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — AR — 46 mm.

- 1960 — ESCOLA DE ARTES DECORATIVAS SOARES DOS REIS — PRESENTE NAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — AE — 46 mm.
- 1960 — V EXPOSIÇÃO FILATÉLICA NACIONAL — (INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS) — MEDALHA PARA PRÉMIO — AE — 40 mm — *CASACA*.
- 1960 — V EXPOSIÇÃO FILATÉLICA NACIONAL — (INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS) — MEDALHA DE PRÉMIO PARA A SECÇÃO TEMÁTICA — AE — 39 mm.
- 1960 — MINISTÉRIO DA MARINHA — Comemorativa do DESFILE NAVAL EM SAGRES, NAS COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS — AE — 32 mm — *M. NORTE*.
- 1960 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DOS DESCOBRIMENTOS, EM BELÉM, INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — AE — 80 mm — *LEOPOLDO DE ALMEIDA*.
- 1960 — COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO — Comemorativa da entrega do Pacote «INFANTE D. HENRIQUE», INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — AE — 70 mm — *MARTINS CORREIA*.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — PELA ACADEMIA MILITAR — BR — 101 mm.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE E MEIO MILÉNIO DO ACHAMENTO DA PROVÍNCIA DE CABO VERDE — CASQUINHA — 70 mm.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE E MEIO MILÉNIO DO ACHAMENTO DA PROVÍNCIA DE CABO VERDE — EXPOSIÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA — AE — 70 mm.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE E MEIO MILÉNIO DO ACHAMENTO DA PROVÍNCIA DE CABO VERDE — AE — 70 mm.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE E MEIO MILÉNIO DO ACHAMENTO DA PROVÍNCIA DE CABO VERDE — AE — 35 mm.

- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — MOEDA DE VINTE ESCUDOS — AR — 33 mm.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — MOEDA DE DEZ ESCUDOS — AR — 30 mm.
- 1960 — Comemorativa do V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE — MOEDA DE CINCO ESCUDOS — AR — 25 mm.
- 1960 — MOCIDADE PORTUGUESA — ACAMPAMENTO INTERNACIONAL INTEGRADO NAS COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS — AE — 35 × 40 mm.
- 1960 — ESCOLA COMERCIAL E INDUSTRIAL DE ÉVORA — Dedicada ao INFANTE D. HENRIQUE E INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA SUA MORTE — AE — 82 mm.
- 1960 — ESCOLA COMERCIAL E INDUSTRIAL DE ÉVORA — Dedicada às COMEMORAÇÕES CONDESTABRIANAS — 1360-1960 — CONCURSO TRABALHOS NUNO ÁLVARES E O ALENTEJO — AE — 90 mm.
- 1960 — MOCIDADE PORTUGUESA — Comemorativa do VI CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, SANTO CONDESTÁVEL, EM S. JORGE — ALJUBARROTA — 1360-1960 — AE — 50 mm.
- 1960 — MOCIDADE PORTUGUESA — Plaquete comemorativa do XVI ACAMPAMENTO NACIONAL, NO VI CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO SANTO CONDESTÁVEL, D. NUNO ÁLVARES PEREIRA — 1360-1960 — BR — 30 × 35 mm.
- 1960 — Comemorativa do VI CENTENÁRIO DO BEATO DOM NUNO ÁLVARES PEREIRA — 1360-1960 — AE — 78 mm — *MARIA IRENE VILAR.*
- 1960 — Comemorativa do VI CENTENÁRIO DO CONDESTÁVEL D. NUNO ÁLVARES PEREIRA — AE — 95 mm — *VASCO DA CONCEIÇÃO.*
- 1960 — Comemorativa do VI CENTENÁRIO DO CONDESTÁVEL D. NUNO ÁLVARES PEREIRA — AE — 80 mm — *RAUL XAVIER.*
- 1960 — JORNAL «REPÚBLICA» — Comemorativa do CINQUENTENÁRIO DA REPÚBLICA PORTUGUESA — 1910-1960 — AE — 97 mm — *VASCO PEREIRA DA CONCEIÇÃO.*
- 1960 — DIRECÇÃO-GERAL DOS DESPORTOS — Comemorativa DOS PRIMEIROS JOGOS DESPORTIVOS LUSO-BRASILEIROS — AE — 59 mm — Reverso liso.

- 1960 — DIRECÇÃO-GERAL DOS DESPORTOS — Comemorativa DOS PRIMEIROS JOGOS DESPORTIVOS LUSO-BRASILEIROS — AE — 59 mm.
- 1960 — DIRECÇÃO-GERAL DOS DESPORTOS — Comemorativa DOS PRIMEIROS JOGOS DESPORTIVOS LUSO-BRASILEIROS — AE dourado — 59 mm.
- 1960 — DIRECÇÃO-GERAL DOS DESPORTOS — Comemorativa DOS PRIMEIROS JOGOS DESPORTIVOS LUSO-BRASILEIROS — AE prateado — 59 mm.
- 1960 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO MONTEPIO CALDENSE — Hoje, ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS RAINHA D. LEONOR, NAS CALDAS DA RAINHA — 1860-1960 — AE — 80 mm — *NUMÍDICO*.
- 1960 — Comemorativa do 125.º ANIVERSÁRIO DA COMPANHIA DE SEGUROS «FIDELIDADE» — 1835-1960 — AV — 30 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1960 — Comemorativa do 125.º ANIVERSÁRIO DA COMPANHIA DE SEGUROS «FIDELIDADE» — 1835-1960 — AE — 60 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1960 — Comemorativa dos BODAS DE PRATA — 25.º ANIVERSÁRIO, DA FUNDAÇÃO NACIONAL PARA ALEGRIA NO TRABALHO — AR — 80 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1960 — Comemorativa das BODAS DE PRATA — 25.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO NACIONAL PARA ALEGRIA NO TRABALHO — AE — 80 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1960 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA — 1860-1960 — AE — 80 mm — *VASCO PEREIRA DA CONCEIÇÃO*.
- 1960 — Comemorativa do CENTENÁRIO DA ASSOCIAÇÃO CENTRAL DA AGRICULTURA PORTUGUESA — AE — 58 mm.
- 1960 — DIÁRIO DE LISBOA — CONDUTOR EXEMPLAR — CAMPANHA DE SEGURANÇA RODOVIÁRIA — AE — 60 mm — *CASACA*.
- 1960 — CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL — EXPOSIÇÃO-FEIRA DE S. TIAGO NO 1.º CENTENÁRIO DA CIDADE DE SETÚBAL — AR — 52 mm.

- 1960 — CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL — EXPOSIÇÃO-FEIRA DE S. TIAGO NO 1.º CENTENÁRIO DA CIDADE DE SETÚBAL — AE — 52 mm.
- 1960 — REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA — Medalha de prémio a distribuir aos alunos que mais se distinguiram durante o ano — AE — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1960 — REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL — TROFEU D. PEDRO V — AE — 35 mm.
- 1960 — CLUBE BEJENSE — 80.º ANIVERSÁRIO — COMPETIÇÕES CULTURAIS E RECREATIVAS E EXPOSIÇÃO MONUMENTAL DAS RECORDAÇÕES — Medalha de honra atribuída a VENCEDORES E COLABORADORES — AE — 35 mm.
- 1960 — CLUBE BEJENSE — 80.º ANIVERSÁRIO — COMPETIÇÕES CULTURAIS E RECREATIVAS E EXPOSIÇÃO MONUMENTAL DAS RECORDAÇÕES — TORNEIO DE BILHAR — BR — 35 mm.
- 1960 — Comemorativa do CENTENÁRIO DE MANUEL VIEIRA NATIVIDADE — 1860-1960 — AE — 102 mm — *L. R. DE ABREU*.
- 1961 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DA REITORIA DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DE LISBOA — AE — 90 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1961 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DAS INSTALAÇÕES ACADÉMICAS DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA — BR — 80 mm — *L. DE ALMEIDA*.
- 1961 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO PALÁCIO DE JUSTIÇA DO PORTO — BR — 80 mm — *EUCLIDES*.
- 1961 — JUNTA DE ENERGIA NUCLEAR — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO LABORATÓRIO DE FÍSICA E ENERGIA NUCLEARES — AE — 80 mm — *LEOPOLDO DE ALMEIDA*.
- 1961 — ARSENAL DO ALFEITE — Comemorativa da construção do navio tanque «GEREZ», COM 27 000 TONELADAS DW, PARA A SOPONATA — SOCIEDADE PORTUGUESA DE NAVIOS TANQUES, LDA. — AE — 75 mm — *M. NORTE*.
- 1961 — JUNTA NACIONAL DA CORTIÇA — Medalha para empregados com 25 ANOS DE BOM SERVIÇO — BR — 60 mm.

- 1961 — 2.º JUMPING INTERNACIONAL DE LISBOA, REALIZADO NA FEIRA DAS INDÚSTRIAS — AE — 68 mm — *CASACA*.
- 1961 — CLUBE ROTÁRIO DE ALMADA — XV CONFERÊNCIA DO DISTRITO ROTÁRIO 176, REALIZADA NOS DIAS 5 A 7 DE MARÇO — AE prateado — 51 mm — *J. FREITAS*.
- 1961 — CÂMARA DE COMÉRCIO ALEMÃ EM PORTUGAL — Medalha de número, para sócio — AE — 50 mm — *AMÉRICO E ROSA*.
- 1961 — NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA — Medalha executada em França, oferecida aos soldados que embarcaram para o Ultramar — AR — 18 mm.
- 1961 — REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL — TROFEU D. PEDRO V — AE — 35 mm.
- 1961 — Comemorativa do 50.º ANIVERSÁRIO DO FUTEBOL CLUBE BARRIENSE — 1911-1961 — AE — 40 mm.
- 1962 — UNIÃO DOS GRÉMIOS DA INDÚSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DO SUL — Comemorativa do XI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE HOTELARIA — AR — 55 mm.
- 1962 — UNIÃO DOS GRÉMIOS DA INDÚSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DO SUL — Comemorativa do XI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE HOTELARIA — AE — 55 mm.
- 1962 — GOVERNO DA PROVÍNCIA DE CABO VERDE — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO PORTO NOVO, PELO MINISTRO DO ULTRAMAR, DR. ADRIANO MOREIRA — AE — 50 mm.
- 1962 — GOVERNO DA PROVÍNCIA DE CABO VERDE — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO PORTO NOVO, PELO MINISTRO DO ULTRAMAR, DR. ADRIANO MOREIRA — AE prateado — 50 mm.
- 1962 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DOS ANEXOS JUNTO DO LABORATÓRIO NACIONAL DA ENGENHARIA CIVIL — BR — 65 × 74 mm — *LAGOA M.*
- 1962 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — INAUGURAÇÃO DO MUSEU DA MARINHA E ENTREGA EFECTUADA POR ESTE MINISTÉRIO AO DA MARINHA — BR — 80 mm — *ÁLVARO DE BRÉE*.
- 1962 — MINISTÉRIO DO ULTRAMAR — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DOS ESTUDOS GERAIS UNIVERSITÁRIOS EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE — AE — 60 mm.

- 1962 — MINISTÉRIO DO ULTRAMAR — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DOS ESTUDOS GERAIS UNIVERSITÁRIOS EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE — AE latonado — 60 mm.
- 1962 — MINISTÉRIO DO ULTRAMAR — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DOS ESTUDOS GERAIS UNIVERSITÁRIOS EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE — AE prateado — 60 mm.
- 1962 — FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TIRO — Comemorativa do VI TORNEIO DE TIRO LATINO-EUROPEU, REALIZADO EM LISBOA — AE — 50 mm — CASACA.
- 1962 — DIRECÇÃO-GERAL DOS DESPORTOS E MOCIDADE PORTUGUESA — 1.º JOGOS DESPORTIVOS DO MUNDO PORTUGUES — AE — 60 mm — CASACA.
- 1962 — DIRECÇÃO-GERAL DOS DESPORTOS E MOCIDADE PORTUGUESA — 1.º JOGOS DESPORTIVOS DO MUNDO PORTUGUES — AE prateado — 60 mm — CASACA.
- 1962 — Comemorativa do XXV ANIVERSÁRIO DO GRÉMIO DISTRITAL DOS INDUSTRIAIS DE ALFAIATARIA DE LISBOA — AE prateado — 60 mm.
- 1962 — Comemorativa das BODAS DE OURO DO ORFEÃO DO PORTO — 1912-1962 — E DAS DE PRATA DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO — 1937-1962 — AR — 77 mm — MARIA IRENE VILAR.
- 1962 — Comemorativa das BODAS DE OURO DO ORFEÃO DO PORTO — 1912-1962 — E DAS DE PRATA DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO — 1937-1962 — AE — 77 mm — MARIA IRENE VILAR.
- 1962 — Comemorativa do CINQUENTENÁRIO DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DO PORTO — AE — 62 mm.
- 1962 — Comemorativa do X CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDIATRIA, EM LISBOA, DE 9 A 15-9-1962 — AE — 60 mm.
- 1962 — FUNDAÇÃO NACIONAL PARA ALEGRIA NO TRABALHO — Comemorativa dos I JOGOS FLORAIS DO TRABALHO — MENÇÃO HONROSA — AE — 50 mm — CASACA.
- 1962 — HOSPITAL JÚLIO DE MATOS — Comemorativa dos 20 ANOS DA SUA INAUGURAÇÃO E DOS ANOS DE SERVIÇO DE CADA UM DOS FUNCIONÁRIOS DO HOSPITAL — BR — 35 x 45 mm.

- 1962 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA COMPANHIA PREVIDENTE E INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES EM ALVERCA — 1862-1962 — BR — 65 mm.
- 1962 — Comemorativa das BODAS DE OURO DOS ESCUTEIROS DE PORTUGAL — (2.º GRUPO) — 1-12-1912 - 1-12-1962 — Metal dourado — 40 mm.
- 1962 — Dedicada a JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES, MÉDICO, JORNALISTA, ESCRITOR E PINTOR — BR — 85 mm — *R. XAVIER.*
- 1962 — Dedicada a CARLOS RIBEIRO — BR — 97 mm — *R. XAVIER.*
- 1962 — Dedicada a DAG HAMMARSKJOLD, SECRETÁRIO-GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS (O. N. U.) — AE — 38 mm.
- 1962 — CASINO DO ESTORIL — Comemorativa do FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE, REALIZADO DE 2 A 5 DE AGOSTO DE 1962 — AE — 60 mm — *CASACA.*
- 1962 — ARSENAL DO ALFEITE — Comemorativa do LANÇAMENTO A ÁGUA DO CASCO DO CARGUEIRO «BEIRA», PARA A COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO — AE — 75 mm — *M. NORTE.*
- 1962 — ARSENAL DO ALFEITE — Comemorativa da CONSTRUÇÃO DE LANCHAS-PATRULHAS PARA O ULTRAMAR — BR — 75 mm.
- 1962 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO DO BONFIM, DO VITÓRIA FUTEBOL CLUBE DE SETÚBAL, EM 16-9-1962 — AE — 60 mm.
- 1962 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO DO BONFIM, DO VITÓRIA FUTEBOL CLUBE DE SETÚBAL, EM 16-9-1962 — AE — 42 mm.
- 1962 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO DO BONFIM, DO VITÓRIA FUTEBOL CLUBE DE SETÚBAL, EM 16-9-1962 — DISTINTIVO — AE — 38 mm.
- 1962 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO DO BONFIM, DO VITÓRIA FUTEBOL CLUBE DE SETÚBAL, EM 16-9-1962 — DISTINTIVO — AE prateado — 38 mm.
- 1963 — MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DA PONTE DA ARRÁBIDA NO PORTO, EM 22 DE JUNHO DE 1963 — BR — 90 mm — *JOAQUIM CORREIA.*

- 1963 — MINISTÉRIO DA MARINHA — Comemorativa do PRIMEIRO CENTENÁRIO DO MUSEU DA MARINHA — 1863-1963 — AR — 70 mm — CASACA.
- 1963 — MINISTÉRIO DA MARINHA — Comemorativa do PRIMEIRO CENTENÁRIO DO MUSEU DA MARINHA — 1863-1963 — BR — 70 mm — CASACA.
- 1963 — MINISTÉRIO DO ULTRAMAR — Comemorativa da VISITA DO ALMIRANTE AMÉRICO DEUS RODRIGUES THOMAZ, PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA, À PROVÍNCIA DE ANGOLA — BR — 60 mm — LEOPOLDO DE ALMEIDA.
- 1963 — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PRODUTORES DE TRIGO — Comemorativa dos 30 ANOS AO SERVIÇO DA LAVOURA E DO PAÍS — BR — 80 mm — MARCELINO NORTE DE ALMEIDA.
- 1963 — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PRODUTORES DE TRIGO — Comemorativa dos 30 ANOS AO SERVIÇO DA LAVOURA E DO PAÍS — AR — 80 mm — MARCELINO NORTE DE ALMEIDA.
- 1963 — Comemorativa do II CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE ANESTESIOLOGIA, REALIZADO EM LISBOA, EM JUNHO DE 1963 — AE prateado — 37 mm.
- 1963 — DELEGAÇÃO DO GOVERNO JUNTO DOS ORGANISMOS DAS PESCAS — XX ANOS DE BONS SERVIÇOS — AE — 54 mm.
- 1963 — Comemorativa da EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ARTISTAS MÉDICOS, NO PORTO E DO XXV ANIVERSÁRIO DA ORDEM DOS MÉDICOS — AE — 85 mm — MARIA IRENE VILAR.
- 1963 — NÚCLEO DOS ALUNOS DO ANTIGO LICEU DE D. JOÃO DE CASTRO — Comemorativa da V REUNIÃO, REALIZADA NO ANO DE 1963 — AE — 50 mm.
- 1963 — JUMPING INTERNACIONAL DE LISBOA — REALIZADO NA FEIRA DAS INDÚSTRIAS — BR — 68 mm — CASACA.
- 1963 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE D. CARLOS I — AV — 20 × 20 mm — GOUVEIA PORTUENSE.
- 1963 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE D. CARLOS I — AR — 70 × 70 mm — GOUVEIA PORTUENSE.
- 1963 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE D. CARLOS I — Vermeille — 70 × 70 — GOUVEIA PORTUENSE.

- 1963 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE D. CARLOS I — BR — 70 × 70 mm — *GOUVEIA PORTUENSE*.
- 1963 — Comemorativa do CINQUENTENÁRIO DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA, EM 20-12-1963 — AR — 80 mm — *M. NORTE*.
- 1963 — Comemorativa do CINQUENTENÁRIO DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA, EM 20-12-1963 — BR — 80 mm — *M. NORTE*.
- 1963 — Comemorativa dos 25 ANOS (BODAS DE PRATA), DO CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL — DELEGAÇÃO DO PORTO — 1937-1962 — AE — 87 mm — *MARIA IRENE VILAR*.
- 1963 — Comemorativa dos II JOGOS LUSO-BRASILEIROS, REALIZADOS NO RIO DE JANEIRO — Mandada cunhar pela Confederação Brasileira de Desportos — AE — 50 mm — *G. LORCAS*.
- 1963 — Comemorativa do XXV ANIVERSÁRIO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS DE 1934-1938, DO QUAL FEZ PARTE O ACTUAL MINISTRO DAS FINANÇAS, PROF. DR. ANTÓNIO PINTO BARBOSA — AR — 60 mm — *NUMÍDICO*.
- 1963 — Comemorativa dos 25 ANOS, BODAS DE PRATA, DA INAUGURAÇÃO DA IGREJA DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA — AV — 17 × 27 mm.
- 1963 — Comemorativa dos 25 ANOS, BODAS DE PRATA, DA INAUGURAÇÃO DA IGREJA DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA — AR — 17 × 27 mm.
- 1963 — Comemorativa dos 25 ANOS, BODAS DE PRATA, DA INAUGURAÇÃO DA IGREJA DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA — Metal branco — 17 × 27 mm.
- 1963 — Comemorativa dos 25 ANOS, BODAS DE PRATA, DA INAUGURAÇÃO DA IGREJA DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA — Alumínio — 17 × 27 mm.
- 1963 — Comemorativa dos 25 ANOS, BODAS DE PRATA, DA INAUGURAÇÃO DA IGREJA DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA — Alumínio mais forte — 17 × 27 mm.
- 1963 — SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA — HOMENAGEM À MEMÓRIA DO DR. AUGUSTO CARLOS TEIXEIRA DE ARAGÃO — AR — 70 mm — *CRUZ CALDAS*.

- 1963 — SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA — HOMENAGEM A MEMÓRIA DO DR. AUGUSTO CARLOS TEIXEIRA DE ARAGÃO — BR — 70 mm — *CRUZ CALDAS*.
- 1963 — Dedicada ao DR. BERNARDINO MACHADO, III PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA — BR — 111 mm — *L. R. DE ABREU*.
- 1963 — AQUILINO RIBEIRO — 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA — HOMENAGEM DA CIDADE DE COIMBRA — AE — 83 mm — *CABRAL ANTUNES*.
- 1963 — COMISSÃO DE ALUNOS DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA — HOMENAGEM AO PROFESSOR VICTOR FONTES PELO SEU JUBILEU E 36 ANOS NO ENSINO DA ANATOMIA EM LISBOA — BR — 76 mm — *MANUEL MARQUES BORGES*.
- 1963 — Comemorativa dos 10 ANOS, COMO CLIENTE DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO — AE — 65 mm.
- 1963 — Comemorativa dos 10 ANOS, COMO CLIENTE DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO — AE prateado — 65 mm.
- 1963 — Comemorativa dos 10 ANOS, COMO CLIENTE DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO — AE latonado — 65 mm.
- 1963 — Comemorativa da AMPLIAÇÃO DAS INSTALAÇÕES DA FÁBRICA DE CHOCOLATES «REGINA» — BR — 101 mm — *LUÍS RAMOS DE ABREU*.
- 1963 — CASINO ESTORIL — Comemorativa do CORTEJO CARNAVALESCO REALIZADO NO ESTORIL DE 23 A 26 DE FEVEREIRO DE 1963 — BR — 60 mm — *CASACA*.
- 1963 — Comemorativa dos 25 ANOS, BODAS DE PRATA, DA SOCIEDADE ANÓNIMA CONCESSIONÁRIA DE REFINAÇÃO DE PETRÓLEOS EM PORTUGAL — SACOR — BR — 90 mm — *JOAQUIM CORREIA*.
- 1963 — «EFACEC» — Comemorativa dos 12 ANOS DE INCESSANTE PROGRESSO e DA INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES — BR — 70 mm.
- 1964 — Comemorativa do XXX ANIVERSÁRIO DO SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA — 1934-1964 — BR — 45 × 35 mm.
- 1964 — Comemorativa do XXX ANIVERSÁRIO DO SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA EM HOMENAGEM AOS SÓCIOS FUNDADORES — 1934-1964 — BR — 45 × 35 mm.

- 1964 — SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES — HOMENAGEM AO MESTRE AQUILINO RIBEIRO — BR — 80 mm — *VASCO PEREIRA DA CONCEIÇÃO*.
- 1964 — COMISSÃO DE ALUNOS DO 3.º ANO DO CURSO DE ANATOMIA TOPOGRÁFICA 1962-1963 — HOMENAGEM AO PROFESSOR BARBOSA SOEIRO, AO ATINGIR O LIMITE DE IDADE EM 19-7-1964 E PELA SUA ÚLTIMA LIÇÃO EM 15-5-1964 — BR — 87 mm — *MANUEL MARQUES BORGES*.
- 1964 — COMISSÃO DE ALUNOS DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA — HOMENAGEM AO PROFESSOR PULIDO VALENTE — BR — 88 mm — *MANUEL MARQUES BORGES*.
- 1964 — Dedicada a SHAKESPEARE, NO 4.º CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO — 1564-1964 — BR — 85 mm — *VASCO PEREIRA DA CONCEIÇÃO*.
- 1964 — JOSÉ VIDAL SOBRAL — ZÉ DOS FRANGOS — Comemorativa do 2.º ANIVERSÁRIO DA REMODELAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES DO CAFÉ ARCADE, EM VILA FRANCA DE XIRA — AE dourado e esmalte — 35 mm.
- S/data — Prova de uma medalha, uniface, do MARECHAL ANTÓNIO ÓSCAR FRAGOSO CARMONA — AE dourado — 43 mm — *MARCELINO N. DE ALMEIDA*.
- S/data — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — ASSIDUIDADE DE SERVIÇO — AE — 35 mm — *SIMÕES*.
- S/data — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — BATALHÃO SAPADORES BOMBEIROS — COMPORTAMENTO EXEMPLAR — AR — 35 mm — *SIMÕES*.
- S/data — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — MEDALHA DE FREQUÊNCIA — TIRO CIVIL — AR — 30 mm.
- S/data — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — MEDALHA DE FREQUÊNCIA — TIRO CIVIL — AE — 31 mm.
- S/data — CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO — CONCURSO DE TIRO — AE — 30 mm.
- S/data — CÂMARA MUNICIPAL DE BENGUELA — HOMENAGEM AOS COLONOS COM MAIS DE 40 ANOS DE RESIDÊNCIA NA CIDADE DE BENGUELA — AE — 41 × 33 mm.

- S/data — SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA — MEDALHA DE RECONHECIMENTO — AE — 63 mm.
- S/data — JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS — GALARDÃO A CONCEDER AOS CRIADORES DE GADO — AE — 90 × 65 mm.
- S/data — DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS PECUÁRIOS — MEDALHA PARA PRÉMIO — AE — 60 mm.
- S/data — FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE COLUMBÓFILA — MEDALHA PARA PRÉMIO — AE — 37 mm.
- S/data — INSPECÇÃO-GERAL DOS INCÊNDIOS — SENHA DOS AGUADEIROS — AE — 25 mm — *S. LEITÃO 273.*
- S/data — INSPECÇÃO-GERAL DOS INCÊNDIOS — SENHA DOS AGUADEIROS — Variante no reverso e mais grossa do que a anterior — AE — 25 mm — *S. LEITÃO 274.*
- S/data — INSPECÇÃO-GERAL DOS INCÊNDIOS DO PORTO — AE — 29 mm — *S. LEITÃO 272.*
- S/data — LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES — Esmalte e AE dourado — 35 mm.
- S/data — Miniatura da medalha da LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES — Esmalte e AR — 10 mm.
- S/data — LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES — MEDALHA PARA CONGRESSOS — AE dourado e esmalte — 45 × 30 mm — *P. DE GREEF.*
- S/data — BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS LISBONENSES — MEDALHA DE ASSIDUIDADE — AE — 40 × 70 mm.
- S/data — ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALENQUER — COMPORTAMENTO EXEMPLAR — AE — 27 mm.
- S/data — Comemorativa do CASAMENTO DE D. DUARTE NUNO COM D. MARIA FRANCISCA — AE — 25 mm.
- S/data — Comemorativa da MARCHA DE BRAGA A LISBOA — AE — 40 mm.
- S/data — REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL — REGATA À VELA — AR — 30 mm.
- S/data — REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL — REGATA À VELA — AE — 30 mm.

- S/data — REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL — REGATA DE REMOS — AR — 24 mm.
- S/data — REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL — REGATA DE REMOS — AR — 24 mm — Variante no anverso, da anterior.
- S/data — REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL — REGATA DE REMOS — AE — 24 mm.
- S/data — CLUBE NAVAL DE LISBOA — NATAÇÃO — AE — 32 mm — *LÚCIO*.
- S/data — FUNDIÇÃO E CONSTRUÇÃO MECÂNICA DE OEIRAS — MEDALHA PARA PREMIAR OS EMPREGADOS — AE — 37 mm.
- S/data — IMAGEM — REVISTA DE CINEMA — PRÉMIO DE CRÍTICA — AE — 100 mm.
- S/data — CLUBE DESPORTIVO DE PAÇO DE ARCOS — MEDALHA PARA PRÉMIO DE REGATAS — AE — 30 mm.
- S/data — Comemorativa da EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ANTUÉRPIA — VISITAI PORTUGAL — AR — 25 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- S/data — FEIRA DO RIBATEJO — EXPOSIÇÃO CANINA — AE dourado — 43 mm.
- S/data — SOCIEDADE PROMOTORA DE APURAMENTO DE RAÇAS CAVALARES — AE — 40 mm — *S. LEITÃO 474*.
- S/data — SOCIEDADE PROMOTORA DE APURAMENTO DE RAÇAS CAVALARES — AR — 40 mm — *S. LEITÃO* não menciona neste metal.
- S/data — MINISTÉRIO DA MARINHA — SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS — AE — 148 × 167 mm.
- S/data — RECORDAÇÃO DAS FESTAS D'ARRÁBIDA — SETÚBAL — Alumínio — 28 mm.
- S/data — Dedicada à GRANDE ACTRIZ EMÍLIA DAS NEVES — (Nasceu em Benfica, a 5-8-1820 e faleceu em 19-12-1883) — AE — 128 × 178 mm — *VENÂNCIOS & C.^a*
- S/data — Prova de uma medalha religiosa, uniface — AE dourado — 50 mm — *JOÃO DA SILVA*.

Santo António de Lisboa

novamente oficial do Exército Português

(em Angola)

por SANTOS FURTADO

REALIZOU-SE no dia 13 de Junho de 1962, em Maquela do Zombo, a festa municipal da Vila em louvor de Santo António, seu padroeiro: comemoração tradicional abrilhantada com a presença das autoridades militares, eclesiásticas e civis.

Acidentalmente nessa data estava na Vila o Batalhão de Caçadores de Chaves, que prestou às cerimónias as honras devidas, o que contribuiu mais ainda para dar ao acto um carácter nacional. Depois da missa efectuou-se a procissão, finda a qual o Capelão da Unidade, Rev. Padre Constantino, em brilhante sermão evocativo de Santo António comunicou, com surpresa geral, a decisão do Comando do 262: ter sido escolhido para patrono desta Unidade de Caçadores Especiais Santo António de Lisboa, com a patente de tenente-coronel.

Já muito antes e com compreensível sigilo, o Ex.^{mo} 2.^o Comandante do Batalhão havia manifestado desejo de mandar adquirir na Metrópole uma imagem do Taumaturgo para todas as praças, sargentos e oficiais do Batalhão, imagem essa que acompanharia os soldados nas missões mais perigosas a efectuar pela Unidade.

Dado conhecimento público desta resolução, foi com fervoroso contentamento que se iniciaram as actividades para melhor e mais rapidamente se concretizar tão alta dignificação de Santo António, o protector destes militares.

Estávamos em 13 de Junho, e a 21 de Agosto seguinte registar-se-ia o primeiro aniversário do desembarque em Angola do Batalhão n.º 262 de Caçadores Especiais de Chaves, e nessa data Santo António devia ser incorporado nesta Unidade de defesa nacional.

Escassos sessenta e sete dias mediavam entre as duas datas, os quais não podiam garantir a entrega da imagem dentro do tempo, pois que, feita a encomenda na Metrópole, ela estaria sujeita a demoras por transporte ou possíveis atrasos da última hora. Tal dúvida gerava visível nervosismo, pelo que todos procuravam melhor solução...

Surge o imprevisto: Um militar oferece-se voluntariamente, tomando o compromisso de entregar ao Batalhão, na data fixada, uma imagem do Doutor da Igreja!

Simples foram as suas palavras de oferta, repassadas do desejo de bem-servir: «Se quiserem, eu faço a imagem de Santo António para o nosso Batalhão. Devo ter tempo de fazê-la para o dia da festa».

A surpresa é grande e com satisfação de todos que ouviram a solução dada foi aceite o voto deste militar. O Ex.^{mo} 2.º Comandante autoriza-o e patrocina a ideia que recebe o melhor acolhimento do Rev. Padre Capelão.

A tarefa é iniciada em breve e começa naturalmente pela escolha da melhor madeira da região. Nela o 2.º sargento José Duarte Monteiro da Fonseca, depois de prévios estudos, esboça a escultura e principia o desbaste do bloco.

As missões de serviço, porém, são constantes, quase ininterruptas. O sargento artista todos os dias tem saídas de «jeep», mais ou menos demoradas; o tempo aproveitável, que era já quase insuficiente, é ainda encurtado pelas explorações que tem de cumprir. No entanto, é com dedicada devoção que ele se aplica, com afã, ao trabalho, nas escassas horas que lhe ficam livres. A Fé e o Dever, intimamente ligados num abraço, conseguem que de um rijo bloco de madeira de moreira, cortantes ferros comecem a esboçar as primeiras massas; depois aparecem os volumes mais pormenorizados, que os contornos gerais salientam, dando forma definitiva à imagem. O pormenor torna o claro-escuro mais vigoroso. Com o acabamento, duma estilização agradavelmente moderna, a sobriedade desta escultura é realçada pelo enceramento da madeira na cor natural, o que lhe imprime um conjunto harmonioso e com algo de místico.

Estávamos já a 20 de Agosto. Ao cair da tarde o sargento José Duarte cumpria integralmente o voto: a imagem de Santo António, que ia ser incorporada no *seu* Batalhão no dia seguinte, estava finalmente concluída. Àquele punhado de rapazes do 262, no dia festivo do seu batalhão, ia ser entregue a imagem do maior e mais amado santo português, padroeiro da Unidade: esculpida por um dos seus camaradas, em campanha, teve assim mais elevada significação espiritual para todos. Os preparativos para a entrega oficial da imagem de Santo António ao Batalhão eram de entusiasmo e, dentro das possibilidades do momento, não se perdia nenhum pormenor para obter o melhor luzimento na comemoração do primeiro aniversário do desembarque do Batalhão de Chaves em Angola.



A imagem de Santo António vista por dois ângulos

O romper do dia 21 de Agosto foi anunciado com o toque da alvorada a que o cornetim parecia imprimir notas mais agradáveis e belas.

A Vila tem agora aspecto festivo e pressente-se já a Fé unânime de que vão ser revestidas as cerimónias. Para militares e civis o dia é de gala. Não esquecem uns e outros a solenidade da data. Pela segunda vez, agora, em Angola, o milagroso Santo António de Lisboa é incorporado nas fileiras do Exército Português.

O Dr. Pinto de Aguiar fornece-nos interessantes informações sobre Santo António das quais distingo a seguinte: D. João V concedeu a patente de alferes a Santo António (o primeiro Santo António militar em Angola), posto em que o veio encontrar em Luanda, no ano de 1749, o capitão-general governador da Província de Angola Conde do Lavradio; seguidamente el-rei D. José I promove Santo António a capitão com soldo e demais honras militares (vid. a revista *Notícia*, de 2 e 9 de Junho de 1962, e o *Boletim* do Instituto de Angola, n.º 14, Luanda, 1960).

Depois da formatura geral, houve missa campal, tendo falado ao Evangelho o Rev. Capelão. Após este acto solene a imagem foi benta e colocada sobre um pedestal à porta das Armas, onde lhe foram prestadas as devidas honras militares. Terminadas as cerimónias religiosas, o Ex.º 1.º Comandante do Batalhão fez vibrar o sentimento patriótico dos presentes com o seu discurso. A festa terminou com uma sessão recreativa no salão do cinema da Vila.

O Batalhão de Caçadores Especiais 262 regressou a Lisboa no 1.º de Dezembro de 1963, mas não era acompanhado pela imagem de Santo António, pois que ela havia ficado na Vila de Maquela do Zombo, entregue ao Comando Militar da unidade ali aquartelada, como propriedade privativa da capela militar local.

Merece registo o facto de o 262, apesar dos muitos e difíceis momentos que viveu durante a sua missão de soberania, não ter baixa alguma entre os seus heróicos soldados.





Feira da Ladra



FICHEIRO

18. *Casa do Concelho de Penamacor*

Em 30 de Janeiro de 1955, um grupo de naturais de Penamacor, que então frequentava a Casa das Beiras, tomou a iniciativa de formar uma instituição concelhia, visando os objectivos moral, económico e social.

Assim surgiu a Casa do Concelho de Penamacor que, por aquiescência da respectiva direcção, se manteve na Casa das Beiras até Setembro de 1959, instalando-se nessa altura em casa alugada na Rua dos Anjos.

Na sua sede e fiéis à linha de orientação traçada, promovem o maior convívio dos conterrâneos por intermédio de diversos actos culturais e recreativos.

A assistência clínica e outras são prestadas aos penamacorenses mais carecidos.

E, para além do louvável propósito de fomentarem a elevação do cabedal dos conhecimentos através da biblioteca e de cursos de aperfeiçoamento profissional, os dirigentes desta instituição regiona-

lista não se esquecem de concorrer para o progresso da sua terra, patrocinando junto das entidades competentes, todas as iniciativas que nesse sentido surjam.

19. *Sociedade de Instrução de Campo de Ourique*

O combate ao analfabetismo predominou entre as preocupações de carácter social que no último quartel do século XIX promoveram o incremento associativo, e foram as instituições de índole popular que com esse objectivo se formaram e vieram até aos nossos dias, lutando e vencendo os mais incompreensíveis obstáculos. Assim aconteceu com o Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, fundado em 10 de Junho de 1910 e instalado no n.º 106 da Rua da Arrábida, mas agora com a denominação de Sociedade de Instrução de Campo de Ourique, designação que adoptou em face de lhe não ser permitida a de Grémio.

A par da escola, através da qual tem sido ministrada a instrução primária a milhares de crianças do populoso bairro de Campo de Ourique, a Sociedade de Instrução de Campo de Ourique promove actos culturais, festas para sócios e seus familiares e ainda jogos lícitos para os sócios.

Um aspecto curioso desta popular colectividade, evidencia-se no sentido com que tem sido orientada a educação dos alunos

que têm frequentado a sua escola, pois terminados os seus estudos, não abandonam a casa a que tanto ficam devendo, prestando-lhe até valiosa cooperação. Assim se formou na Sociedade uma secção de campismo e outra de teatro.

20. Lisboa Ginásio Clube

Fundado em 4 de Novembro de 1918, na Rua Maria aos Anjos, transferiu pouco depois a sua sede para o sítio do Borracho, onde se encontra, tornejando da Rua dos Anjos para a de Francisco Lázaro — um nome que merece ser recordado.

Dispondo de balneário, posto médico, equipado com aparelhos para radioscopia e aplicação de raios infravermelhos, ginásio, sala de jogos e outras dependências, este modelar estabelecimento de educação física, mercê do seu notável desenvolvimento — mais de 1600 alunos que frequentam os cursos de ginástica (educativa, terapêutico-correctiva, aplicada e artística) e ainda com as suas secções de atletismo, esgrima, basquetebol, natação, voleibol, pesos e halteres, dança artística e rítmica), campismo, ténis de mesa, patinagem, etc. — luta com o problema da falta de espaço, que tem dificultado o seu natural desenvolvimento. Daí resulta que a projectada construção de um edifício próprio — estudado pelos architectos srs. João Simões e Jorge de Albuquerque — no mesmo local se considere o problema fundamental de tão conceituada instituição.

Reconhecida a utilidade da acção desenvolvida pelo popular Lisboa Ginásio Clube, é de crer que tão importante e necessário melhoramento seja um facto dentro do mais curto espaço de tempo.

ZACARIAS DA SILVA

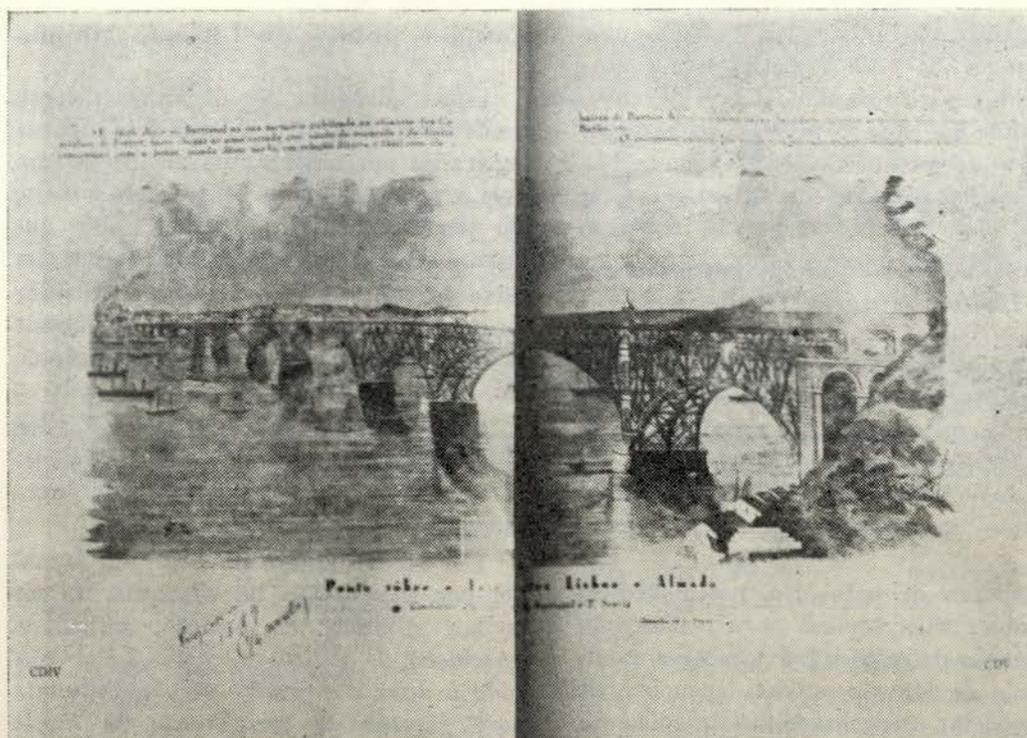
Ponte e pontes de Lisboa - Almada

Ponte, definem os dicionários como sendo uma construção a ligar dois lugares separados por um rio, um ribeiro ou um vale e, sendo assim, a ponte sobre o Tejo, em construção, é já um facto. Por enquanto ela é apenas representada por um feixe de cabos de aço a ligarem as duas margens, valorizando as duas majestosas torres-pilares que emergem das marés do rio, como atalaias.

Sonho velho dos Portugueses, e dos alfacinhas em particular, pode considerar-se realizado, mercê da moderna engenharia e dos modernos materiais.

Em 11 de Janeiro de 1963, um jornal deu-nos um artigo de sensação, talvez melhor dizendo, de emoção, intitulado «*Ambição de muitas gerações. Foi lançada à água a primeira secção flutuante para fixação da torre norte da Ponte sobre o Tejo*». Era, e foi, o primeiro passo de valor prático na realização do grande *Facto*. *Ambição de muitas gerações*, é bem a verdade, a sua realização é o anseio de todos nós; a ligação de Lisboa à Outra Banda, de Alcântara a Almada visa a utilidade social estabelecendo a continuidade do norte do país com as províncias do sul, mas possuir uma obra de tal valor científico e artístico justifica também a nossa ambição, os de ontem e os de hoje. Uma ponte como ela será dentro de três anos aquela que vemos agora representada por um *mòlhinho* de cabos de aço; será uma maravilha a acrescentar às clássicas 7 maravilhas do Mundo.

Na nossa época rica de realizações, barragens gigantescas, edifícios ciclópicos, drenagem a aproveitamento de bacias fluviais enormes, em que ninguém jamais pensara, audaciosas operações da cirurgia moderna contra tudo dantes julgado impossível, velocidades de 1000 quilómetros



à hora, afinal atentados contra-natura, nada valem se atentarmos na desagregação do átomo, nas viagens na órbita da Terra, e em breve na ocupação da Lua e de Marte, com armas e bagagens, nas velocidades para além das do som, toda a grandiosidade da física, da mecânica e da química ao serviço duma insaciável humanidade, desejosa de ir mais longe no saber e no dominar, sem se preocupar com as consequências próximas ou remotas. A todo este quadro de enormidades epõem-se ainda o espírito, a arte, a gracilidade, subtilezas que vêm justificar o nosso orgulho de possuir a ponte sobre o Tejo, onde a beleza e a força, em harmonia, constituirão a razão do anseio dos homens e destes a razão de os anciões de 70 anos dizerem: «Gostaria de não morrer sem ver e passar a Ponte!»

Nos domínios orbitais dos arquivos do nosso Grupo, mais uns papéis velhos, recortes de jornais, plantas e alçados, projectos architectónicos e gravuras relativos à história das pontes-projectos a passarem sobre o Tejo, em frente de Lisboa, contar-nos-ão o que há cerca de um quarto de século tem sido a paixão nacional, e mesmo estrangeira, pela realização do sonho e *ambição de muitas gerações* como foi classificada pelo jornalista. É ainda a Feira da Ladra que fornece a papelada para a satisfação das nossas curiosidades.

Os jornais são recentes, alguns de 1963 e 1962, contam factos e passagens antigas da história das tentativas de construção. Há um velho desenho em papel Marion, em muito mau estado de conservação, projecto bastante ingénua

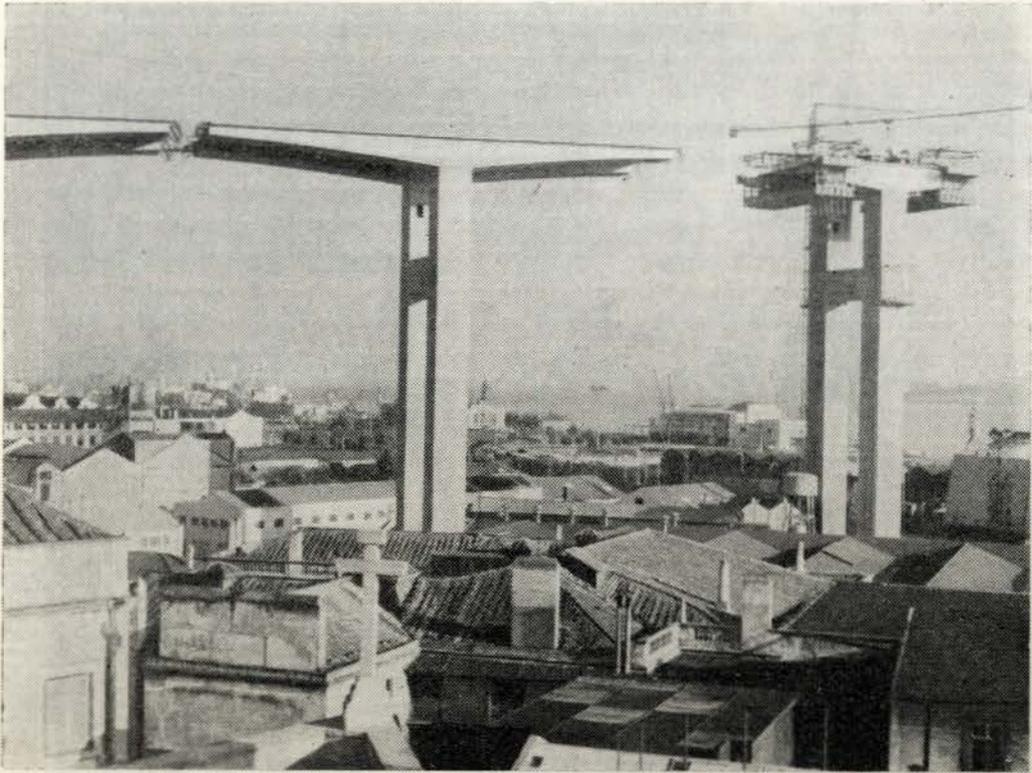


e simplório; não tem indicação do autor mas desconfiamos que seja Miguel Pais. Perdoemos-lhe a audácia atendendo à inocência na concepção.

A memória e desenhos do projecto do engenheiro espanhol Alfonso Peña y Boeuf, com plantas em escalas 1/600, 1/900, 1/800 e 1/100, pretendia unir o lugar de Santos, em Lisboa, com Almada numa travessia de 2232 metros o que somado às vias de acesso e complementares totalizaria 3905 metros. Todas as estruturas seriam de cimento armado (formigon armado). A memória cita pormenores técnicos, indicando, como é óbvio, a geologia do fundo e os seus lodos, onde o seu autor assentaria os pilares sem medo e com um à-vontade que anima o leitor não engenheiro. Esta ponte tinha

pilares duplos para 14 vãos (tramos) de 153 metros.

Em 1889 o construtor do túnel do Rossio a Campolide, E. Bartissol, associado ao construtor da sempre bela ponte D. Luís sobre o rio Douro, T. Seyrig, respirando ambos o ar saudável das glórias bem conquistadas nas obras que tinham realizado, apresentaram um projecto de ligar o ponto elevado em Lisboa, a Rocha do Conde de Óbidos, com Almada, julgamos no Pragal, plano nitidamente com a preocupação ferroviária. A ponte teria dois tabuleiros, um para os comboios vindos do Barreiro, e na margem direita ligaria com o Rossio passando túneis através de Lisboa, tudo na extensão de cerca de 30 quilómetros. Tudo isto entusiasmou os nossos avós.

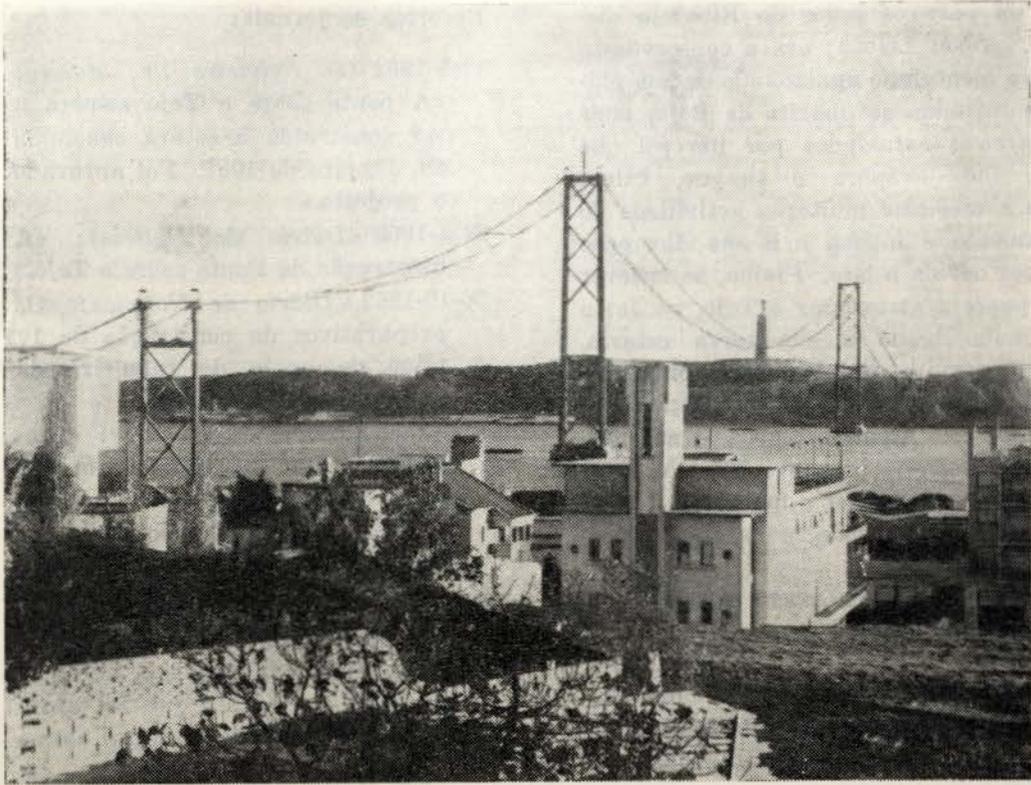


Utopia? Aventura, fantasia e pouca engenharia? Aqui ainda neste estudo os aluviões do Tejo não intimidaram os autores do projecto.

Na notícia do jornal recortada e arquivada apreciam-se esta e outras aventuras de engenharia pelo autor, o Sr. Óscar Paxeco, com clareza e conhecimento da causa.

De todos os projectos, e eles foram numerosos, um se impõe pelas boas intenções e pela sua origem. É o do escritor Fialho de Almeida. Artista de boa fibra, bom crítico, sabendo observar e sabendo discutir, tinha excursionado para além-fronteiras e estava sob a acção do despeito por ter admirado muita coisa bela e nada ver assim em Lisboa onde vivia; tudo queria para a *sua bela* e deve ter sido em um momento de meditação pe-

rante as imagens dos monumentos estrangeiros revividas, que ele desenhou, que ele architectou a série de melhoramentos que vemos reproduzida em uma folha da *Ilustração*. Entre todas as fantasias há uma ponte, mas há também um viaduto a ligar S. Pedro de Alcântara com o Campo de Santa Ana e Graça, também uma velha aspiração lisboeta; há um outro viaduto para o caminho de ferro passar por cima da Avenida Ressano Garcia; há um arranjo do Cais das Colunas, sem colunas; há a ligação da Rua da Politécnica através do Jardim Botânico e o inestético e indecoroso Parque Mayer à Avenida da Liberdade; um arranjo desta avenida com a Praça Marquês de Pombal e o célebre Parque Eduardo VII; há a exemplificação do que deve ser uma habi-



tação popular, a sucedânea das barracas de pau e lata.

Olhemos sòmente a ponte, um verdadeiro arroubo de amor lisboeta, romântica com as suas balaustradas, os seus anjos em estátua, as suas grandes águias gloriosas, candeeiros artísticos, arcos e pilares trabalhados, reminiscências talvez das pontes do Sena; dois tabuleiros, um para os comboios e o outro para os peões e veículos. Por baixo corre o rio e nele grandes naves de guerra lançando fumarada pelas chaminés, batéis de toda a qualidade e enquanto dois comboios correm em sentido contrário sobre a ponte, duas urbes, Lisboa e Barreiro, olham-se, altivas e orgulhosas da sua grandeza. Todos estes pormenores são páginas de literatura desenhadas; arrogantes, arrojadas, pro-

vocadoras, dinamizadas mas, sobretudo, bem intencionadas. Os assertos dos «Gatos» ou da «Vida irónica» são arranhões de mestre no burguesismo nacional para o despertar. Os desenhos fantasiosos, utópicos não foram inúteis; ao vê-los cada um diria para si mesmo que, pelo menos, seria bom que alguma coisa se fizesse e de resto um pouco de maldicência é melhor que indiferença.

Fialho de Almeida, esteta, crítico de arte, escrevendo como se desenhasse, paisagista da psicologia, criando personagens que para nós, leitores, serão eternas, escreveu quadros de Lisboa, essa Lisboa pacata, sua contemporânea, que os noctívagos percorriam cantando depois de ceiar e acabavam a noitada reunidos em êxtase num dos altos miradouros em contemplação do crepúsculo da madru-

gada lá para os lados do Ribatejo distante. Amou Lisboa; era e conservou-se sempre alentejano apaixonado dessas planuras infindas do distrito de Beja, onde os *ceifeiros* escaldados por um sol que quase lhes evapora o sangue, falam pouco e meditam muito; a actividade do pensamento é íntima e a sua discreção é talvez devida a isso. Fialho, ao antever uma ponte a atravessar o Tejo, pensaria que mais ligado à sua terra estaria. Todo o quadro fialhiano da ponte não pretende ser mais que uma evocação dum elo nostálgico Alentejo-Lisboa. A sua literatura é toda virilidade e cor. As suas imagens duma melhor e mais bela Lisboa são poesia e contos de fadas, sonho como todos sonhamos.

GILBERTO MONTEIRO

Nota sobre a iconografia e bibliografia consultada e que passam a fazer parte do Arquivo dos «Amigos de Lisboa» por oferta:

- 1 - Memória apresentada ao Congresso de Ciências do Porto em Junho de 1921 pelo Engenheiro Alfonso Peña Boeuf. (É um folheto com plantas e alçados).
- 2 - Projecto e desenhos em papel «Marion» duma ponte com pilares. Não tem indicação de autor e está em péssimo estado.
- 3 - Uma página da *Ilustração* com um artigo «Como há 40 anos o grande Fialho sonhava ver Lisboa». Tem várias gravuras com a representação dos melhoramentos que o autor anelava.
- 4 - Recorte do *Diário de Notícias* de 19-3-1963 com o artigo de Óscar Paxeco, «A ponte sobre o Tejo projectada por Bartissol e Seyrig há três quartos de século não passou de um sonho irrealizável.»

5 - Recortes de jornais:

11-5-1962 - *O Primeiro de Janeiro*: «A ponte sobre o Tejo começa a ser construída e estará concluída em Janeiro de 1967. Foi aprovado o projecto.»

24-4-1962 - *Diário de Notícias*: «A construção da Ponte sobre o Tejo.»

30-10-1962 - *Diário de Notícias*: «Os preparativos da construção do 1.º pilar de apoio do tabuleiro da Ponte sobre o Tejo.»

11-1-1963 - *Diário de Notícias*: «Ambição de muitas gerações. Foi lançada à água a primeira secção flutuante para fixação da torre norte da Ponte sobre o Tejo.»

Sem data - *O Primeiro de Janeiro*: «A construção da Ponte sobre o Tejo deve ficar concluída antes de perfazer um século que foi apresentado o 1.º projecto de tal obra.»

24-4-1962 - *Diário de Notícias*: «A construção da Ponte sobre o Tejo». É uma notícia de Washington.

30-5-1962 - *Diário de Notícias*: «Os preparativos do primeiro pilar de apoio do tabuleiro da Ponte sobre o Tejo.»

12-11-1964 - *Diário Popular*: «Da gaiola do macaco ao passeio de gato. Extraordinária coragem e tenacidade estão a demonstrar os operários portugueses na construção da Ponte sobre o Tejo.»

12-11-1964 - *O Século*: «Uma reportagem realizada por cima do Tejo. Quando um jornalista faz de acrobata.»

Nestas reportagens há gravuras muito oportunas.

As fotografias apresentadas e que ilustram o texto são inéditas e da autoria da Dr.ª D. Suzanne de Rop Monteiro.

ACÇÃO CULTURAL

durante o ano de 1964

VISITAS DE ESTUDO

Janeiro

- 26 - Às escavações em curso na *Igreja de S. Vicente de Fora*, dirigida pelo Sr. Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira.

Fevereiro

- 20 - Às obras da *Ponte sobre o Tejo*, dirigida pelo Sr. Eng.º Canto Moniz, director do Gabinete das Obras.
- 23 - Às novas instalações da *Escola Industrial Marquês de Pombal*, dirigida pelo Sr. Dr. Januário dos Santos Pinheiro, director da Escola.

Março

- 5 - Repetição da visita às obras da *Ponte sobre o Tejo*, dirigida pelo Sr. Eng.º Pinto Serrão, do Gabinete das Obras.
- 19 - Às novas instalações de *A Tabaqueira*, em Albarraque, dirigida pelos Srs. Eng.ºs Sebastião Mourão e Parro Nogueira.

Abril

- 19 - Ao novo templo de *Nossa Senhora Auxiliadora*, nas *Oficinas de S. José*, dirigida pelo Sr. Padre Lino Ferreira, dos Padres Salesianos, director das Oficinas.

Maio

- 31 - Ao *Palácio da Rosa*, dirigida pelo Sr. Dr. Francisco de Vasconcelos e Sousa.

Junho

- 7 - À *Casa do Gaiato*, em Santo Antão do Tojal, onde o Sr. Padre Carlos, director da Obra, recebeu o Grupo, sendo a visita dirigida por dois dos rapazes da Casa.
- 21 - Às *Obras de Santa Engrácia*, dirigida pelo Sr. Arq. Vaz Martins, director dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Julho

- 5 - À *Igreja da Madre de Deus e Museu do Azulejo* (em organização), dirigida pelo nosso consócio n.º 125, Sr. Eng.º João dos Santos Simões.
- 26 - Ao *Castelo de Almourol*, com passagem por Santarém e Tomar.

Novembro

- 8, 15 e 29 - Às novas instalações da *UCAL* (União das Cooperativas Abastecedoras de Leite), em Sete Casas, Loures, dirigidas pelos Srs. Eng.ºs Vasco Troni e Luís Rocha.

Dezembro

- 5 - Ao *Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos* (para invisuais), dirigida pela Sr.ª D. Maria Teresa Túlio, superintendente do Centro.
- 12 - Ao *Conservatório Nacional*, e respectivo *Museu*, dirigida pelo Sr. Dr. Ivo Cruz, director do Conservatório.

CONFERÊNCIAS

Março

- 31 - *Observações sobre a evolução construtiva da Torre de Belém*, pelo Sr. Carlos Mamede (Fonseca Benevides).

Abril

- 29 - Serão de Arte com conferência pelo director do Grupo Sr. Eng.º Júlio Eduardo dos Santos, que dissertou sobre os escritores Cardoso Gonçalves e Cruz Magalhães, no centenário dos seus nascimentos, com a colaboração da poetisa Sr.ª D. Laura de Aviz que, a propósito, recitou algumas poesias dos escritores evocados.

COLÓQUIOS OLISIPONENSES

Janeiro

- 22 - Com a colaboração do director Secretário-Geral Sr. Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves, que leu um trabalho do falecido consócio Sr. Teodoro Lopes Ramos intitulado: *O Bairro Alto de ontem e de hoje*.

Março

- 5, 12 e 19 - Sobre a *Urbanização de Lisboa — O prolongamento da Avenida e o Parque Eduardo VII*, com a colaboração dos senhores directores Drs. Eduardo Neves e Alberto Gomes, Eng.º Júlio Eduardo dos Santos, Coronel Afra Nozes e Hugo Raposo, sócios n.º 125, Sr. Eng.º João dos Santos Simões, n.º 751, Sr. Arq. Reis Veloso, n.º 1189, Sr. Coronel Xavier de Brito, n.º 2825, Sr. Brigadeiro Esteves Pereira, e n.º 86, Sr.ª Arq. D. Ana-Maria Pereira da Gama.

Maio

- 14 - Com a colaboração do director Secretário-Geral Sr. Doutor Eduardo Neves e do sócio n.º 2197, Sr. Nuno Catarino Cardoso que dissertou sobre *Lisboa artística e monumental*.

Julho

- 16 - Com a colaboração do director Sr. Dr. Paulo Caratão Soromenho que dissertou sobre a *Apresentação do primeiro volume dos «Contos Populares e Lendas», coligidos por Leite de Vasconcelos*.

Dezembro

- 17 - Comunicações dos senhores Doutor Eduardo Neves, Dr. Paulo Caratão Soromenho e Mário Costa.

EXPOSIÇÕES

Fevereiro

- 1 - *O Carnaval de outros anos na Imprensa Diária de Lisboa*, da colecção do sócio n.º 3462, Sr. António Fernandes da Silva.

Março

- 14 - *A Torre de Belém*, da colecção do director da Biblioteca Central da Marinha, Sr. Comodoro Alfredo Motta.

Agosto

- 1 - Exposição de *Almanaques*, da colecção do director Secretário-Geral Sr. Doutor Eduardo Neves.

Novembro

- 14 - Exposição de gravuras olisiponenses sobre o *Aqueduto das Águas Livres*, da colecção do Presidente da Junta Directiva Sr. Prof. Dr. Fernando Freitas Simões.

ACTIVIDADE CULTURAL

do quarto trimestre de 1964

No último trimestre de 1964, marcado ainda em fins de férias, visto as nossas actividades só terem começado em Novembro, houve alguns acontecimentos que importa referir, e de que o Grupo se não alheou. Assim, em 23 de Setembro a propósito da exposição fotográfica sobre Vila Viçosa, a que nos referimos no Boletim anterior, o nosso consócio senhor Dr. António Luiz Gomes realizou no S. N. I. uma conferência em que o Grupo esteve representado pelos Directores Eng. Júlio Eduardo dos Santos e F. Dias Pereira.

De 9 a 24 de Outubro realizou-se em Lisboa o 1.º Congresso Nacional de Turismo, em que o Grupo esteve inscrito, tendo sido representado pelo Secretário-Geral e pelo Director-Tesoureiro Senhor Hugo Raposo que apresentou uma comunicação à III Secção sobre os «Miradouros de Lisboa», cujo texto, bem como as palavras do Secretário-Geral, é publicado neste número. Em 25 de Outubro, data da tomada de Lisboa aos Mouros, o Grupo fez-se representar na reinauguração do monumento de Rosa Araújo, pelo Director Eng. Júlio Eduardo dos Santos.

Em 14 de Novembro inaugurou-se na nossa sede, após os restauros sofridos no salão, uma notável exposição de gravuras olisiponenses sobre o Aqueduto das Águas Livres, da colecção do Presidente da Junta

Directiva Prof. Doutor F. Freitas Simões. Dessa exposição foi publicado um catálogo. Teve larga assistência de visitantes. Em 8, 15 e 29 realizaram-se visitas às instalações da U. C. A. L., cerca de Loures, que reuniu cinco autocarros e alguns automóveis, tendo os visitantes sido recebidos pelos Srs. Engs. Vasco Troni e Luís Rocha e o Grupo de representado sucessivamente pelos directores Eng. Júlio



Inauguração da exposição sobre o Aqueduto

Eduardo dos Santos, Hugo Raposo e Fernando Dias Pereira e pelo signatário. A visita foi pormenorizada e deu ensejo à prova, gentilmente oferecida, dos produtos lá fabricados.

Em Dezembro, a 5, foi visitado o Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos (para invisuais). Os visitantes foram recebidos

pelo Sr. Dr. José Pinto de Aguiar, director do Instituto de Assistência aos Inválidos, a que o Centro pertence, e pela directora do Centro, a Sr.^a Dona Maria Teresa Túlio de Freitas Soares. O Dr. Pinto de Aguiar saudou os visitantes que foram acompanhados pelos directores Dr. Paulo Caratão Soromenho e Fernando Dias Pereira, e fez uma erudita resenha histórica do edificio onde jazem os restos mortais



Inauguração da exposição sobre o Aqueduto

de Lázaro Leitão, e a Sr.^a Dona Maria Teresa T. de Freitas Soares relatou as condições em que funciona o Centro, que usa métodos novos e testes especiais para a educação dos invisuais. O nosso director Sr. Dias Pereira agradeceu a visita e os esclarecimentos prestados. As palavras do Sr. Dr. José Pinto de Aguiar e da Sr.^a Dona Maria

Teresa Túlio são publicadas no Boletim. A 12, grande número de Amigos de Lisboa deslocou-se ao Conservatório Nacional, onde foi recebido pelo seu director Sr. Dr. Ivo Cruz que, em breve palestra, narrou a história do estabelecimento que tão distintamente dirige e acompanhou os visitantes com eruditas explicações às aulas, biblioteca e museu instrumental. No Salão de Concertos proporcionou aos visitantes uma audição de órgão pela professora Gertrud Mersiovsky, de harpa pelo harpista Mário Falcão e piano pela professora D. Maria Helena de Matos e a pianista D. Noémia Sarmento de Brederode. Foram executadas obras de Bach, Cabezen e Ivo Cruz. O signatário, que acompanhou a visita, com o director Eng. Júlio Eduardo dos Santos, dirigiu no final saudações e agradecimentos ao Dr. Ivo Cruz. A 17 realizou-se a 50.^a sessão de *Colóquios Olisiponenses*, em que o signatário apresentou um curioso documento do século XIX, a cédula identificadora dos acendedores dos candeeiros da cidade. O Sr. Mário Costa falou sobre aspectos de Lisboa no século XIX e o Sr. Dr. Paulo Caratão Soromenho referiu-se a vultos da Alfama na sua interessante palestra, que intitulou «A Inesgotável Alfama». Durante o mês representantes do Grupo assistiram, para isso especialmente convidados, à inauguração das iluminações do Natal no Chiado, às Comemorações dos Bombeiros Voluntários e à cerimónia da colocação de uma lápida na casa onde nasceu o Marechal Gomes da Costa, na Rua do Sol, ao Rato, e a algumas das manifestações do centenário do *Diário de Notícias* e homenagens ao Dr. Augusto de Castro.

E assim terminou a actividade cultural do nosso Grupo sempre com larga concorrência de sócios e alto sentido olisiponense.

E. N.



Felicitações

XXVII Aniversário de OLISIPO:

Saudou-nos a este propósito também a Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz.

Ofertas

Da Ex.^{ma} Administração do Banco Nacional Ultramarino:

Medalhas de prata e de cobre comemorativas do centenário.

Do sócio n.º 2278, Sr. Doutor José Caria Mendes:

19 números de OLISIPO.

Da sócia n.º 3195, Ex.^{ma} Senhora D. Ludovina A. Pereira Rodrigues Bastos:

Almanach de Santo António, 1962.

Almanach Português de Fotografia, de 1955-1956 e 1957.

Almanach Borda de Água (2 exemplares).

Do sócio n.º 1886, Sr. Doutor Gilberto Diocleciano Cardoso Monteiro:

A curiosa fotografia publicada na «Feira da Ladra» de OLISIPO 108, reproduzindo uma casa na Avenida da Liberdade e vários recortes de jornais antigos e da época e outros documentos referentes à *Ponte sobre o Tejo*.

Referências na Imprensa

O número do jornal *O Gaiato*, de 22 de Outubro de 1964:

Refere a nossa visita à Casa de S. Antão do Tojal anotando que a recolha de ofertas entre os visitantes ascendeu a 2119\$00.

O número do *Boletim* da Sociedade de Língua Portuguesa, de Dezembro de 1964:

Refere-se ao nosso Boletim com palavras de muito apreço.

Sócios admitidos
no 2.º semestre de 1964

- 3 494 — Dr José R. Mendes Sentieiro — *Médico.*
- 3 495 — D. Irene de Oliveira Fernandes de Oliveira Gala — *Professora Primária Oficial.*
- 3 496 — D. Maria Luísa Avanti — *Agente Comercial.*
- 3 497 — Miguel Augusto da Silva — *Pintor da Construção Civil.*
- 3 498 — João Ferreira da Silva — *Estucador.*
- 3 499 — Arlindo da Silva Neves — *Empregado de Escritório.*
- 3 500 — José António Branco dos Santos Anselmo — *Funcionário Público.*
- 3 501 — D. Maria de Lourdes Rodrigues Pinto — *Eng.º Químico-Industrial.*
- 3 502 — Dr. José Pedro Machado — *Professor do Ensino Técnico.*

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



	PREÇOS	
	Sócios	Público
VÁRIA		
* Evocação do Café Martinho... .. .		esgotado
* Noite de evocação do Leão de Ouro... .. .	13\$50	15\$00
* Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
* Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins... .. .		esgotado
* Olisipo (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
* Evocação do Café-Restaurante Tavares		esgotado
* Jantar de Confraternização na Casa do Leão		»
* A cor de Lisboa	13\$50	15\$00
ENG. A. VIEIRA DA SILVA		
* O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
* A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
* Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa... .. .		esgotado
* Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa... .. .	13\$50	15\$00
DR. ALFREDO DA CUNHA		
* Olisipo berço do periodismo português... .. .	13\$50	15\$00
ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO		
Algumas Acheegas para a História da Defesa de Lisboa... .. .	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio... .. .	18\$00	20\$00
DR.ª D. ANNA-MARIA PEREIRA DA GAMA		
Velhos Tempos... .. .	13\$50	15\$00
ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA		
* A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão... .. .	13\$50	15\$00
* O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
* Ronda e Silva de Lisboa Velha... .. .	9\$00	10\$00
* Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00
DOUTOR EDUARDO NEVES		
* Ruínas do Carmo		esgotado
* Igreja da Penha de França... .. .		»
* Faculdade de Medicina		»
* Homenagem a Matos Sequeira... .. .		»
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580	15\$00	20\$00

* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
F. A. GARCEZ TEIXEIRA		
* A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
FRANCISCO LEITE DE FARIA		
Lisboa e S. Lourenço de Brindes	13\$50	15\$00
Alvorço na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio... ..	13\$50	15\$00
A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou... ..	13\$50	15\$00
FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS		
O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa	18\$00	20\$00
DR. GILBERTO MONTEIRO		
D. Gilberto	13\$50	15\$00
Luiz da Cunha Monteiro	13\$50	15\$00
GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA		
* Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00
HUGO RAPOSO		
Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo...	9\$00	10\$00
JOÃO MONTEIRO		
* Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa... ..	13\$50	15\$00
ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Estoril, 1960... ..	9\$00	10\$00
Exposição Bibliográfica de Afonso Lopes Vieira — Primavera de 1962	18\$00	20\$00
Catálogo [ilustrado] da Exposição Iconográfica e Bibliográfica de Santo António — Estoril, 1963	18\$00	20\$00
DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO		
* O Convento de N. S. dos Remédios — Convento dos Marianos, sua história e seus mausoléus		esgotado
LUÍS MOITA		
* A Ermida de Santo Amaro... ..		esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Orlisiponenses... ..	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa»	12\$50	12\$50
LUIZ PASTOR DE MACEDO		
* Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00

* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
LUÍS TEIXEIRA		
* O «Diário de Notícias» e o Século XIX	4\$00	5\$00
DR. MANUEL VICENTE MOREIRA		
Jardins de Lisboa e Porto	9\$00	10\$00
Lisboa Oriental	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00
MÁRIO COSTA		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espí- rito Santo da Pedreira	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda	36\$00	40\$00
No Centenário da Morte de El-Rei D. Pedro V... .. .	18\$00	20\$00
O Simbolismo do Ramo de Louro	18\$00	20\$00
MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO		
* A Igreja da Conceição Velha		esgotado
* A Igreja e o Convento da Graça	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de S. ^{ta} Maria de Belém A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira, de Lisboa... .. .	45\$00	50\$00
	18\$00	20\$00
NORBERTO DE ARAÚJO		
* Pequena Monografia de S. Vicente... .. .	9\$00	10\$00
NUNO CATHARINO CARDOSO		
Infante D. Henrique — Nótulas históricas	9\$00	10\$00
PROF. PEDRO JORGE PINTO		
A Acrópole de Lisboa (litografia de arte)	135\$00	150\$00
RUY DE ANDRADE		
* Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edificação cidadina... .. .	9\$00	10\$00
* Edição do Grupo.		
DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ		
Subsídios para a Heráldica Tumular Moderna Olisiponense ...	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro	18\$00	20\$00
TINOP		
* Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. cada	13\$50	15\$00
* Edição do Grupo.		

V
PORTUGAL

VISTA ALEGRE

**PORCELANAS : DE MESA E
DECORATIVAS**



LOJA — L. do Chiado, 18 — Lisboa
SEDE — L. Barão Quintela, 3-1 — Lisboa

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE



SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CAPITAL E RESERVAS

Esc. 437.067.408\$97

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS

Sede: Largo do Corpo Santo, 13 — Lisboa — Tel. 30321

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM

LUABO e MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

REDE SOL AÇO

DE FIOS DE AÇO ZINCADO ELECTROSOLDADOS

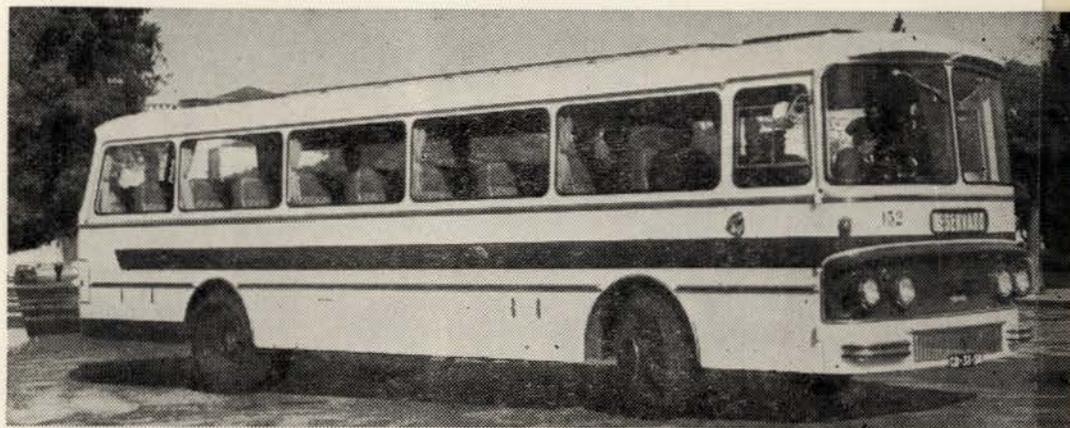
Para

VEDAÇÕES
AVIÁRIOS

etc.

COMPANHIA PREVIDENTE
LISBOA

PARA
A
SUA
VIAGEM
DE
RECREIO
A
QUALQUER
PARTE
DO
PAÍS



NOVOS AUTOCARROS
AO SERVIÇO DO TURISMO

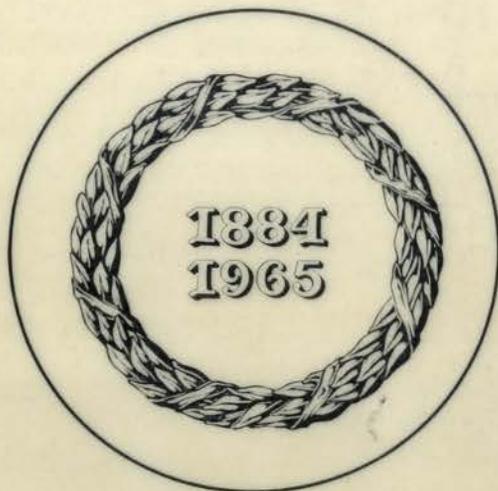


SECÇÃO DE ALUGUER
TEL. 63 20 21 — (SANTO AMARO) — LISBOA

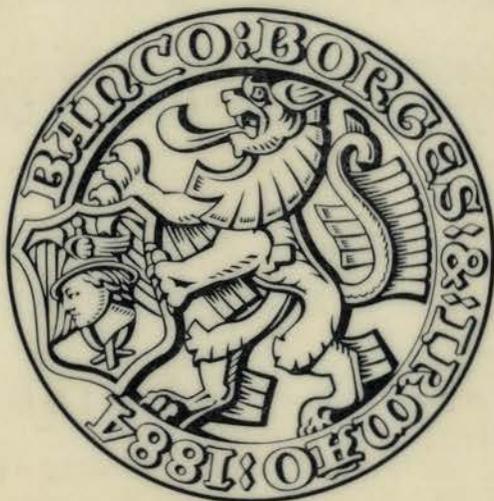


PARA O SERVIR!

TRADIÇÃO
E
PROGRESSO



BANCO BORGES & IRMÃO



PORTO - Rua de Sá da Bandeira, 12
LISBOA - Largo de S. Julião, 6
AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS